

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS – CCSH
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – BACHARELADO**

Denise Copetti Pivetta

**TERAPIA REIKI: PERCEPÇÕES DE MULHERES SOBRE SEUS
PROCESSOS DE SAÚDE E DOENÇA**

Santa Maria, RS

2021

Denise Copetti Pivetta

**TERAPIA REIKI: PERCEPÇÕES DE MULHERES SOBRE SEUS PROCESSOS DE
SAÚDE E DOENÇA**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Sociais**.

Orientadora: Profa. Dra. Monalisa Dias de Siqueira

Santa Maria, RS

2021

Denise Copetti Pivetta

**TERAPIA REIKI: PERCEPÇÕES DE MULHERES SOBRE SEUS PROCESSOS DE
SAÚDE E DOENÇA**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em
Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa
Maria (UFSM, RS) como requisito parcial para
obtenção **do título de Bacharel em Ciências Sociais.**

Aprovada em 11 de fevereiro de 2021:

Monalisa Dias de Siqueira, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Zulmira Newlands Borges, Dra. (UFSM)

Fábio Pimentel, Me. (UNISC)

Santa Maria, RS

2021

AGRADECIMENTOS

O momento dos agradecimentos é o tempo de olhar para dentro e ver o caminho percorrido, com 55 anos e após quatro anos de graduação, abordo a idade com a intenção de incentivar, pois, sempre há tempo para novos aprendizados independente da idade. Tive de ser resiliente em muitos momentos ,foi desafiador e extremamente gratificante chegar até aqui, e esses novos saberes direcionaram-me para “um outro olhar do mundo”. É o momento de reconhecimento a todos que diretamente e/ou indiretamente contribuíram nesse percurso, minha gratidão de todo o coração, agradeço:

- aos meus pais Elda Teresinha (in memoriam) e Rubens (in memoriam), gratidão por todos os ensinamentos que fazem parte de mim, e se aqui estivessem ficariam orgulhosos;

- gratidão a minha filha Rhannanda, por incentivo e apoio para retornar aos bancos universitários, amor e paciência durante todo esse tempo;

- gratidão ao meu companheiro Cícero pelo incentivo, paciência e amor em escutar, e compreender as minhas ausências proporcionando que meu tempo fosse dedicado a escrita, sem seu suporte não seria possível;

- gratidão as minhas amigas/irmãs de alma Sandra que abriu seu espaço holístico para a pesquisa de campo, contatou suas clientes para que a mesma fosse realizada, e a Viviane por me lembrar sempre o caminho percorrido, a disposição em escutar, atenção e acolhimento no coração;

- gratidão a UFSM, ao Curso de Ciências Sociais Bacharelado, a todos os professores pelos novos saberes. Ao Marcelo Ercolani do Departamento de Ciências Sociais, sempre atencioso e disposto em me auxiliar quando fui bolsista;

- gratidão a Profa. Dra. Virginia Vecchioli que despertou em mim o interesse pela antropologia, pelo tempo dedicado as orientações e esclarecimentos nos dois primeiros anos da graduação, levarei comigo todos os aprendizados;

- minha gratidão aos Prof(s) Dr(s) do primeiro semestre/2018, Cleber Cuti Martins, Everton Lazzaretti Picolotto, Francis Moraes de Almeida lembrarei das aulas de epistemologia com café; pela compreensão, auxílio diante do momento difícil de doença familiar, sem essa compreensão teria desistido ali;

- profa. Dra. Jurema Brites gratidão pelas indicações e auxílio, na disciplina de projetos, foi o engatinhar desse trabalho;

- ao Prof. Dr. Paulo Roberto Cardoso da Silveira (UNIPAMPA), gratidão pela amizade, incentivo, e nos momentos de lazer a disposição em trocar ideias sobre os autores das ciências sociais;

- os meus colegas gratidão, em especial aos colegas Carlos (Leo), Ingrid e Susana pelo companheirismo, amizade, trocas, risadas, e os nossos encontros com uma cervejinha. E a Denise embora distante, mas presente em suas sugestões e incentivo;

- a minha orientadora Profa. Dra. Monalisa Dias de Siqueira gratidão profunda pelos conhecimentos nas disciplinas de antropologia redespertando o meu interesse pela área, por me aceitar como orientanda, por todo carinho, paciência, dedicação, acolhimento, aprendizados e força nos momentos de cansaço, sua condução espetacular me trouxe a finalização desse trabalho, tenho orgulho de ter sido sua orientanda, estará sempre no coração;

- gratidão aos meus mestres espirituais, aos mestres do Reiki, pelos aprendizados e amparo energético;

- as minhas interlocutoras que me permitiram relativizar e aprender, gratidão pela disposição de seus tempos e narrativas de suas vidas para a realização da pesquisa, sem vocês não seria possível;

- gratidão a banca, a Profa. Dra. Zulmira Newlands Borges e ao Prof. Me. Fábio Pimental que aceitaram avaliar esse trabalho e as sugestões. A todos Namastê.

“O fogo, que é nossa essência, vem das estrelas, e é às estrelas que nossas essências retornarão. A Terra é a Mãe, que nos concedeu nossos corpos. Após a nossa caminhada pela terra, nossos corpos ela retornarão. Nossos espíritos pertencem ao vento, assim, como nossa respiração. Nossas palavras são aquilo que respiramos, e é por isso que são sagradas.”

(“As Cartas do Caminho Sagrado” , Jamie Sams, 1993.)

RESUMO

TERAPIA REIKI: PERCEPÇÕES DE MULHERES SOBRE SEUS PROCESSOS DE SAÚDE E DOENÇA

AUTORA: Denise Copetti Pivetta

ORIENTADORA: Profa. Dra. Monalisa Dias de Siqueira

A pesquisa abordará as percepções, crenças e comportamentos ligados aos processos de saúde, doença, corpo e espiritualidade de mulheres que buscam a terapia Reiki. Subentende-se que o Reiki está inserido em um dos sistemas de atenção à saúde, e que o sistema cultural de saúde integra a dimensão simbólica. A pesquisa tem abordagem qualitativa de cunho etnográfico utilizando-se da técnica da observação participante e de entrevistas semiestruturadas. Foram entrevistadas oito mulheres, receptoras do Reiki, na faixa etária entre 20 a 74 anos no período de um ano, de 2019 a 2020, num espaço holístico no município de Santa Maria – RS. A pesquisa tem como objetivo geral compreender a percepção de mulheres que buscam a terapia Reiki como tratamento para a saúde/doença. E objetivos específicos realizar a revisão sobre terapias alternativas no âmbito da antropologia da saúde e da doença, investigar como o Reiki se popularizou como terapia complementar no Brasil e sua inserção enquanto tratamento de saúde disponibilizado pelo Sistema Único de Saúde (SUS), compreender a percepção de cura, saúde e doença, conhecer alguns sentimentos/emoções e crenças de quem usa essa terapia, observar se ocorreram mudanças paradigmáticas que possam ter alterado a percepção dos sujeitos sobre saúde/doença, corpo, espiritualidade e emoções. Conclui-se, a partir das percepções das receptoras, que o Reiki contribui para o seu bem-estar físico, mental, espiritual e emocional. O Reiki, enquanto PICs, contribui com as práticas médicas diante dos processos de doença e saúde, mas também como terapêutica preventiva para a manutenção da saúde.

Palavras-chave: Reiki. Saúde. Doença. Antropologia.

ABSTRACT

REIKI THERAPY: WOMEN'S PERCEPTIONS ABOUT THEIR HEALTH AND DISEASE PROCESSES

AUTHOR: Denise Copetti Pivetta

ADVISOR: Profa. Dra. Monalisa Dias de Siqueira

The research will address the perceptions, beliefs and behaviors linked to the health, disease, body and spirituality processes of women seeking Reiki therapy. It is understood that Reiki is inserted in one of the health care systems, and that the cultural health system integrates the symbolic dimension. The research has a qualitative approach of an ethnographic nature using the technique of participant observation and semi-structured interviews. Eight women were interviewed, recipients of Reiki, aged between 20 and 74 years in the period of one year, from 2019 to 2020, in a holistic space in the municipality of Santa Maria - RS. The research aims to understand the perception of women who seek Reiki therapy as a treatment for health / illness. Specific objectives are to carry out a review of alternative therapies within the scope of health and disease anthropology, to investigate how Reiki became popular as complementary therapy in Brazil and its insertion as a health treatment provided by the Unified Health System (SUS), to understand the perception of healing, health and disease, knowing some feelings / emotions and beliefs of those who use this therapy, observing if there have been paradigmatic changes that may have altered the subjects' perception of health / disease, body, spirituality and emotions. It is concluded, from the perceptions of the recipients, that Reiki contributes to their physical, mental, spiritual and emotional well-being. Reiki, as PICs, contributes to medical practices in the face of disease and health processes, but also as preventive therapy for maintaining health.

Keywords: Reiki. Health. Disease. Anthropology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1 - Ante Sala.....	18
Fotografia 2 - Sala de Aplicação do Reiki no Espaço Holístico.....	19
Fotografia 3 – Chacras.....	24
Fotografia 4 - Reiki em Kanji.....	25
Fotografia 5 - Mikao Usui.....	27
Fotografia 6 - As 12 posições de Reiki.....	31

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Aapecan	Associação de Apoio a Pessoas com Câncer
AIRA	American Internacional Reiki Association
CCS	Centro de Ciências da Saúde
CEPIC	Comissão Estadual de Práticas Integrativas e Complementares
CKR	Símbolo do Poder do Reiki
CONCLA	Comissão Nacional de Classificação
GHC	Grupo Hospital Conceição
LAPICS	Laboratório de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde
MAC	Medicina Alternativa e Complementar
MT	Medicina Tradicional
MS	Ministério da Saúde
OMS	Organização Mundial de Saúde
PEPIC/RS	Política Estadual de Práticas Integrativas e Complementares
PICS	Práticas Interativas e Complementares em Saúde
PMPICEPS	Programa Municipal de Práticas Interativas e Complementares e Educação Popular em Saúde
PNPIC	Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares
SCIELO	Scientific Electronic Library Online
SUS	Sistema Único de Saúde
UBS	Unidade Básica de Saúde
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	11
3. REIKI: SIGNIFICADOS E PERCEPÇÕES	21
3.1 O QUE É O REIKI	21
3.2 UMA BREVE HISTÓRIA SOBRE O REIKI	26
3.3 O REIKI NO BRASIL	29
3.4 O REIKI: APLICAÇÃO, SINTONIZAÇÃO, SÍMBOLOS E PRINCÍPIOS	30
3.5 O REIKI COMO TRATAMENTO PARA SAÚDE E DOENÇA	35
3.6 REIKI: RACIONALIDADES, PRÁTICAS E INTERPRETAÇÕES	41
3.7 REIKI E O CORPO – SENSações CORPORAIS	46
3.8 REIKI E ESPIRITUALIDADE	49
3.9 REIKI E EMOÇÕES	52
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	60

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda o Reiki como sendo um dos sistemas de atenção à saúde para entender as percepções de mulheres que fazem uso dessa terapia nos estados de saúde e doença.

O Método Reiki é um sistema natural de harmonização e reposição energética que mantém ou recupera a saúde dos corpos físico, emocional, mental e espiritual, atuando de forma integral, holística. A visão holística alicerça-se no conceito de holismo, a palavra “holismo” é derivada do grego “holos”, que significa todo.

Atuando como um instrumento de transformação de energias nocivas em benéficas, através do toque suave das mãos. A terapia Reiki é oriunda do Japão e significa: REI – Energia Universal (cósmica) e KI – Energia Vital (individual), e seu descobridor foi Mikao Usui.

O Reiki é considerado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma Medicina Alternativa e Complementar (MAC) fazendo parte da regulamentação dessa prática terapêutica no Sistema Único de Saúde (SUS) através da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) desde 2006. E o Reiki é um dos sistemas de atenção à saúde que não se limita somente à cura de doenças, contribui para uma mudança de hábitos, direcionando para uma nova visão de mundo.

Assim sendo, justifica-se ser relevante analisar as percepções dos sujeitos que buscam a terapia Reiki para o tratamento da saúde/doença e verificar os resultados da pesquisa exploratória de campo que teve início em 2019. Pois, são os sujeitos que constroem as articulações entre os diferentes conceitos e práticas ligadas à saúde/doença como construção sociocultural (LANGDON; WIIK, 2010).

A pesquisa busca compreender as percepções, crenças e emoções relacionadas à saúde/doença dos sujeitos, no caso mulheres, que procuram a terapia Reiki num espaço holístico onde é ofertada a terapia. Nesse sentido, teve como foco as percepções sobre saúde, doença, corpo, espiritualidade e emoções entre os sujeitos que buscaram o auxílio da terapia Reiki na cidade de Santa Maria – RS.

A pesquisa tem como objetivo geral conhecer as percepções dos sujeitos que usam a terapia Reiki como tratamento para a saúde/doença. E objetivos específicos é realizar a revisão sobre terapias alternativas no âmbito da antropologia da saúde e da doença, investigar como o Reiki se popularizou como terapia complementar no Brasil e sua inserção enquanto tratamento de saúde disponibilizado pelo SUS, compreender a percepção de cura, saúde e doença dos sujeitos que lançam mão da terapia do Reiki, conhecer os sentimentos/emoções e crenças de quem usa

essa terapia, observar se ocorreram mudanças paradigmáticas que possam ter alterado a percepção dos sujeitos sobre saúde/doença, corpo, espiritualidade e emoções.

A abordagem da pesquisa é qualitativa, de cunho etnográfico, utilizando as técnicas de observação participante e entrevistas semiestruturadas, além de um levantamento bibliográfico sobre o tema. Foram entrevistadas oito mulheres, receptoras do Reiki, na faixa etária entre 20 a 74 anos no período de um ano, de 2019 a 2020, num espaço holístico no município de Santa Maria – RS.

O trabalho está organizado em três capítulos, além dessa introdução. No capítulo dois, trago as discussões metodológicas, minha inserção em campo e como a pesquisa foi construída e realizada. No capítulo três, discuto o que é o Reiki, uma breve história do seu fundador e como foi introduzida no ocidente, assim como no Brasil. São feitas abordagens a princípios do Reiki, seus símbolos, sua aplicação e sintonização, sendo discuto também nesse capítulo o Reiki como tratamento para a saúde e doença, as práticas integrativas e racionalidades médicas. Assim como as interlocutoras chegaram ao Reiki, discuto essa terapêutica e as sensações corporais, a espiritualidade e emoções. No capítulo quatro, apresento as considerações finais.

2. O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

A presente pesquisa tem como temática o Reiki como terapia complementar e visa analisar as percepções de mulheres que buscam essa terapia em relação a saúde/doença, corpo, espiritualidade e emoções. E relatar como esta prática terapêutica foi inserida no SUS, através da PNPIC.

O Reiki é considerado pela OMS como uma MAC fazendo parte da regulamentação dessa prática terapêutica no SUS através da PNPIC desde 2006. O Reiki que é um dos múltiplos sistemas de atenção à saúde, que “não se restringe à cura de doenças, mas implica também na reformulação de hábitos e em uma nova percepção do mundo que não somente enfatiza alguns valores do indivíduo”, mas também criar “novas formas de sociabilidade” (BABENKO, 2004, p. 70-71).

A escolha da terapia Reiki como objeto de pesquisa está relacionada, de alguma forma, com a minha própria trajetória, a partir de conhecimento prévio e busca por essa terapia, o meu

primeiro contato com “terapias alternativas¹” deu-se como “cliente”, devido a um problema de saúde, pois, vinha tratando com a medicina tradicional, sem alcançar significativas melhoras.

Na época, as terapias recebidas foram: os florais de Bach, “energizações” e homeopatia, obtive melhoras e passei a compreender que os “sintomas” estavam interligados com o emocional, mental e espiritual. O resultado veio ao encontro de alguns questionamentos recorrentes desde a minha formação em filosofia, impulsionando a busca por esse conhecimento.

A busca pelo conhecimento de terapias “alternativas”, iniciou-se antes do meu contato com a terapia Reiki. Esta busca começou no início da década de 1990, quando tive contato com palestras e terapias transpessoais, procurando clarificar e compreender questionamentos como: Quem sou? O que estou fazendo aqui? Qual minha missão? E após esse contato iniciou-se a minha formação em “Cosmoterapia²”. Sendo que tais questionamentos eram recorrentes desde a minha formação em filosofia e ampliaram a minha compreensão, expandiram horizontes, mas alguns ainda não haviam sido clarificados. Embora, tendo sido criada dentro da doutrina católica, não concordava com seus “dogmas”, bem como ela não respondia as minhas indagações e nem indicava caminhos para esclarecê-las.

A terapia Reiki no sistema Usui começou a fazer parte da minha vida no final do século XX, onde fiz a formação desde o Nível I até Nível III-B; nível que habilita a Mestre, me tornando “Mestre em Reiki Usui” em 2000, e que permite iniciar outras pessoas em Reiki. Reciclando o Nível 1 em 2014 e o Nível 2 em 2018 com outra Mestre em Reiki. A partir do nível 2 é o indicado para começar a aplicar em outras pessoas. Neste Nível 2 se recebe alguns símbolos que auxiliam a potencialização da energia.

A terapeuta Sandra, interlocutora dessa pesquisa, explica que o Nível 1 de Reiki “abre a energia”, este nível é chamado de “Processo de Despertar”, um despertar para a espiritualidade de si mesmo. Desde o Nível 1 o Reiki foi sendo inserido no meu universo pessoal e diário, aliado à prática da cosmoterapia, sendo usada para a auto aplicação e para aplicar em outras

¹ Denomino de “alternativas”, pois, naquela época eram assim chamadas. Era o início do que se ouvia falar, em “Nova Era”, “Era de Aquário”, holismo, etc.

² Cosmoterapia, com visão holística, seus ensinamentos encontram-se embasados nos ensinamentos dos “Mestres Ascensos”, são aqueles que já tiveram uma vida aqui no Planeta Terra, como Jesus, Buda, São Francisco de Assis, etc. Os “Mestres Ascensos” são sete e cada um é responsável por um raio cósmico, cada um dos raios está relacionado a uma das sete cores do arco-íris, trabalhando uma virtude divina. A energia que contatada é a energia cósmica.

pessoas, em plantas e animais, bem como enviar energia para o planeta. Posteriormente, obtive a formação em “Magnified Healing” e Nível I e II do Karuna Reiki®³ em 2018.

A minha vivência como receptora (cliente) do Reiki proporcionou (a) um continuum bem-estar, ampliando o equilíbrio, físico, mental, emocional e espiritual, durante e após cada sessão. Trazendo sensações durante uma sessão da terapia Reiki, como de calor, leveza, sentimentos de alegria, serenidade, paz, entre outras, e em outros momentos, tristeza e choro, trazendo-me lembranças passadas, e após, leveza, como se meu corpo físico estivesse “elevando-se”, estando em “outra dimensão”.

A terapia Reiki também trabalha a “cura” de traumas e bloqueios, assim, ocorrendo gradativamente mudanças na maneira de perceber a mim mesma, os outros, a sociedade e o mundo. Por outro lado, como terapeuta os relatos das pessoas que receberam o Reiki, de modo geral, é a sensação de bem-estar.

Em um trabalho como voluntária na Associação de Apoio a Pessoas com Câncer (Aapecan), atuando durante um ano, uma vez por semana, ouvia recorrentemente que a sensação daquelas que se submetiam ao recebimento do Reiki era de bem-estar, sentiam-se mais fortalecidas, despertando nelas a fé.

No ano de 2013, retornei aos bancos universitários, após 20 anos afastada, no curso de Ciências Econômicas que havia largado tempos atrás. Após quatro semestres cursados, entrei em “crise”, compreendendo que a visão proposta entrava em choque com meu ser. Em busca de novos saberes, em 2017, entrei para a graduação de Ciências Sociais Bacharelado, através do processo de transferência de curso, com intuito de compreender o meu conhecimento holístico com o “olhar” dos novos saberes, que me foram despertados pelas linhas de pesquisa desenvolvidas pelo curso.

Enfim, o impulsionamento para desenvolver a pesquisa consiste em investigar como Reiki se dá no processo de saúde/doença, corpo e espiritualidade dos sujeitos que procuram essa prática. O que os leva a buscar uma terapia diferente da biomedicina? O que eles falam? Que emoções surgem? Quais as sensações no corpo? E que mudanças de paradigmas são evidenciadas nas crenças desses sujeitos? Sendo que quando busquei a terapia como “cliente” e, posteriormente, a formação em Reiki, estes questionamentos não haviam surgido antes dos novos saberes que o curso de Ciências Sociais estava me proporcionando. Desta forma, pude,

³ Karuna Reiki®, karuna significa compaixão, evoluiu do Reiki Usui e Tibetano e foi criado por William Lee Rand (RAND, William Lee, 1998; Manual Registrado de Karuna Reiki® - Praticante I&II). E só podem ser iniciados nesse sistema quem já é iniciado no Reiki Usui, com pelo menos o nível 2. Existem atualmente, além do Karuna Reiki®, outros tipos de Reiki como o Reiki Xamânico, Reiki Egípcio, etc. Todos têm como base o Reiki Usui.

através da cientificidade proposta por essa área de conhecimento, agregar a empiria a um conhecimento familiar, arraigado no meu cotidiano, abordando na ótica da antropologia da saúde e doença o Reiki como um dos sistemas de atenção à saúde.

Desafiador e gratificante fazer a pesquisa sobre o Reiki, que faz parte tanto do meu “universo” interior quanto exterior. Portanto, para fundamentar essa proposta, recorro ao texto “Observando o Familiar” de Gilberto Velho (2012), explicitando que “o que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não necessariamente conhecido”. Clarificando as possíveis “armadilhas” de rotular e classificar, da mesma forma apontando posturas como a humildade, mantendo um ceticismo saudável perante a pesquisa e que é possível transformar o familiar em não familiar, quando somos capazes de confrontar intelectualmente e emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações; ainda que, no trabalho de pesquisa, surja a subjetividade do pesquisador.

Assim, em princípio, dispomos de um mapa que nos familiariza com os cenários e situações sociais do nosso cotidiano, dando nome, lugar e posição aos indivíduos. Isso, no entanto, não significa que conhecemos o ponto de vista e a visão de mundo dos diferentes atores em uma situação social nem as regras que estão por detrás dessas interações, dando continuidade ao sistema. Logo, sendo o pesquisador membro da sociedade, coloca-se, inevitavelmente, a questão de seu lugar e de suas possibilidades de relativizá-lo ou transcendê-lo e poder “pôr-se no lugar do outro” (VELHO, 2012, p. 127).

Visto que o Reiki é familiar, isto não significa que eu conheça o universo interno e pessoal, e tampouco a situação social, as regras, percepções e entendimento de determinado grupo que utiliza a terapia. Assim, possibilita relativizá-la e direcionar o olhar de observadora ao desconhecido “lugar do outro”.

Busco conjuntamente aporte teórico em Roberto DaMatta, no texto “O Ofício de Etnólogo” (1978), vislumbrando um des-construir e cons-truir, como o balanço de uma gangorra, em alguns momentos entro no universo exótico e em outros trânsito no familiar. É um vestir-se e despir-se de etnólogo e, quando me dispo de reikiana⁴ e visto-me de etnóloga com o olhar direcionado a compreensão desse “novo desconhecido”, uma aprendiz de antropóloga e na arte da etnografia.

De tal modo que vestir a capa de etnólogo é aprender a realizar uma dupla tarefa que pode ser grosseiramente contida nas seguintes fórmulas: (a) transformar o exótico no familiar e/ou (b) transformar o familiar em exótico. E, em ambos os casos, é necessária a presença dos dois termos (que representam dois universos de significação) e, mais

⁴ Reikiano(a) a pessoa que tem a formação em Reiki.

basicamente, uma vivência dos dois domínios por um mesmo sujeito disposto a situá-los e apanhá-los (DAMATTA, 1978, p.4).

A pesquisa tem a abordagem qualitativa, de cunho etnográfico, a partir de observação participante⁵ e entrevistas semiestruturadas, bem como um levantamento bibliográfico sobre o tema.

Segundo Beaud e Weber (2007, p. 95-97), a forma de conduzir a pesquisa, a negociação e, se houver oportunidade de negociar os lugares de observação, dizem respeito ao saber-viver e à deontologia. E “a observação etnográfica transcende a observação pura, pois nesta o observador não expressa nada, limita-se apenas a observar, e os observados tem poucas possibilidades de serem ouvidos”, podendo o observador interpretar erroneamente o que vê e ouve, estando livre “de suas próprias análises”. Enquanto a observação etnográfica ampara-se pela conexão destas três técnicas entrelaçadas:” perceber, memorizar e anotar”. Um avanço e um retorno permanente entre o que é percebido, a explicação mental, memorização e o diário de campo.

Em primeiro lugar se faz necessário compreender o” que é conhecido como metodologia qualitativa de pesquisa, é entender que uma metodologia vai além de “um conjunto de técnicas de pesquisa”, onde cada metodologia traz consigo “um conjunto de pressupostos sobre a realidade”. Entendendo que a cultura de um grupo afeta suas decisões sobre saúde, doença, medicalização, cura e morte, o pesquisador pode construir uma problemática de pesquisa que enfoca aspectos da cultura de um grupo de pessoas. E partindo de pressupostos antropológicos relativos à forma de inserção no mundo cultural, opta por uma metodologia qualitativa de pesquisa que permite maior penetração do pesquisador no mundo dos sujeitos pesquisados. Esta metodologia possibilita compreender a forma de vida das pessoas, possibilitando o registro da linguagem não verbal e o recebimento de informações inesperadas porque não seguem um roteiro hermético. Essa metodologia é a usada em parte das investigações na área da saúde, assim sendo, como a pesquisa está inserida nos processos de saúde e doença, justifica-se o uso da metodologia qualitativa. Buscando compreender, através do modelo relacional, no qual a doença é pensada em termos de equilíbrio/desequilíbrio ou harmonia/desarmonia em relação ao "meio" ao qual o doente pertence. Visto que os sujeitos relacionados a pesquisa são aqueles fazem uso do Reiki, que é um dos sistemas de atenção à saúde (VICTORA; KNAUTH; HASSEN, 2000, p. 33-43).

⁵ Sobre a observação participante, esclareço que a observação da pesquisadora não inclui a sessão de Reiki.

Para a realização dessa pesquisa, fiz um levantamento bibliográfico dos livros sobre Reiki: “Reiki: Amor, Saúde e Transformação” (DE’CARLI, 2009), “Reiki: Apostilas Oficiais” (DE’CARLI, 2011), “Reiki universal” (DE’CARLI, 2014), “ Manual de Reiki do Dr. Mikao Usui” (USUI, Mikao; PETTER, Frank Arjava , 2013) como base para a descrição do que é o Reiki, sua história e de seus elementos constituintes.

Investigou-se a antropologia da saúde através de autores como Helman (1994) consolidando que a antropologia não se encontra dissociada das práticas médicas, como também Santog (1984), Perurena (1997), Maluf (2007), Montero (1985), Langdon e Wiik (2010), esclarecendo que existe vários sistemas de atenção à saúde.

As autoras Babenko (2004), Ferreira (2018), Medeiros (2018) contribuíram para demonstrar como o Reiki é uma prática complementar importante para os processos de saúde e doença, e como as emoções influenciam nestes processos.

Para melhor entendimento da categoria corpo e um novo paradigma antropológico que rompe os aspectos dualistas do corpo, a teoria de Csordas (2008) traz sua contribuição. O trabalho de Heberlê (2013), trouxe relevantes contribuições sobre as Práticas Integrativas e Complementares (PICS) em saúde.

A Tese de Toniol (2015), permite o aporte teórico da categoria espiritualidade sendo que esta é uma dimensão do indivíduo.

O “Espaço Holístico Sandra Caleiro⁶” foi onde realizei a as observações e entrevistas, no período de outubro de 2019 a agosto de 2020, com mulheres brancas, classe média e com idade entre 22 à 74 anos, todas com formação superior ou em curso, que fazem uso da terapia Reiki. As técnicas utilizadas proporcionaram compreender a forma.

Conheço a proprietária e Mestre em Reiki desde 2012, “minha irmã na alma”, quando comecei um trabalho voluntário na Aapecan, onde ela já fazia o voluntariado. Quando propus a pesquisa, prontamente ela colocou-se à disposição para contribuir com a realização da mesma, inclusive entrando em contato com seus “clientes/receptores⁷” dando uma noção sobre a pesquisa e agendando as entrevistas.

⁶ Cito o nome do espaço com a autorização da proprietária e terapeuta Mestre em Reiki Sandra Caleiro, que atende no espaço. A exceção de Sandra, os nomes das mulheres entrevistadas, receptoras do Reiki, foram modificados. A opção por utilizar nomes fictícios no texto foi negociada com elas para preservar o anonimato.

⁷ Refiro-me a “cliente (s) /receptor (es)” os sujeitos que recebem a terapia Reiki, e são responsáveis também por sua transformação e/ou cura. E não usarei o termo paciente (s), pois, entendo “paciente”, como alguém passivo, que só recebe, sem ocorrer a troca e seu comprometimento para sua “melhora”.

Para Beaud e Weber (2007, p. 95-97), quando temos algum “contato no local” ao qual iremos pesquisar, “facilita bastante a negociação e a realização”, então, considero-me “privilegiada” não precisando percorrer “espaços holísticos” e ir em busca de sujeitos que utilizavam a terapia Reiki nos processos de saúde/doença, dispostas a serem entrevistadas.

Na pesquisa de campo utiliza-se a observação participante e as entrevistas desempenham um papel importante, sendo que a entrevista qualitativa é útil para se ter acesso às atitudes e aos valores dos indivíduos, “coisas” que não podem necessariamente ser observadas ou acomodadas em um questionário formal. Esta interação entre pesquisador e interlocutor é o que os antropólogos chamam de “observação participante”, onde o pesquisador assume um papel perfeitamente digerível pela sociedade observada, sendo aceito pelos membros desta sociedade. Como só o “olhar” não é suficiente para compreender as relações sociais faz-se necessário o “ouvir”, onde o olhar e o ouvir se complementam. Mas também é preciso estar preparado para “ouvir”. E através da entrevista o pesquisador pode obter informações que não foram alcançadas só pelo “olhar” (OLIVEIRA, 1996, p. 18-19).

Quando bem feita pode levar a um patamar de profundidade que não se tem acesso em abordagens baseadas em levantamentos. Mais precisamente as entrevistas semiestruturadas, onde as questões ficam mais ou menos abertas permitem uma “liberdade”, como uma conversa informal, tanto para o entrevistador como para o entrevistado abordar além da questão em si.

As narrativas dos entrevistados tendem a se tornarem mais “ricas” podendo ser aproveitadas como forma de dados. (BEAUD e WEBER, 2007; FLICK, 2009; OLIVEIRA, 1996). A priori, pode-se pensar nas entrevistas como uma conversa cordial, de acordo com Spradley (1979, p.58-9);

É melhor pensar nas entrevistas e etnográficas como uma série de conversas cordiais nas quais o pesquisador introduz novos elementos lentamente para auxiliar informantes a responderem como informantes. O uso exclusivo desses novos elementos etnográficos ou a sua introdução muito rápida farão com que as entrevistas assemelhem-se a um interrogatório formal. Desaparecerá a harmonia, e os informantes podem acabar suspendendo sua cooperação (apud FLICK, 2009, p. 105).

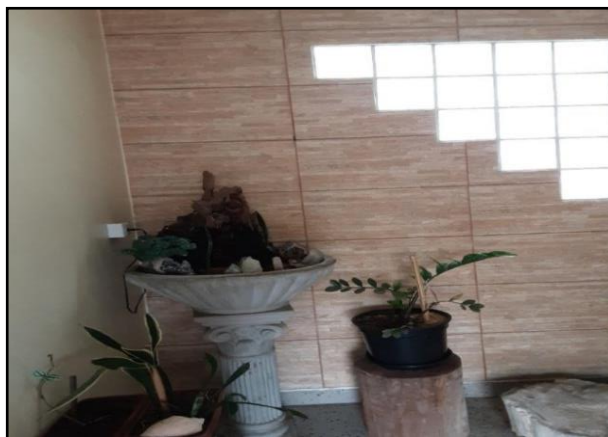
E para o referido autor as entrevistas etnográficas envolvem os seguintes elementos que as distinguem dessas conversas formais: onde o entrevistador explica o projeto e a entrevista em linguagem cotidiana ao informante com o objeto de envolvê-lo e questões descritivas deve ser demonstrado como o informante organiza seu conhecimento em relação ao assunto, ao respondê-las (SPRADLEY, 1979, p. 59-60 apud FLICK, 2009, p. 105).

As entrevistas foram semiestruturadas tanto em 2019 como em 2020, foram todas gravadas, transcritas e armazenadas em um arquivo. Em um primeiro momento, houve o questionamento se o tempo da pesquisa seria suficiente para a coleta de dados, porém, segundo Victora et al (2000, p. 53) uma abordagem eficiente nas pesquisas em saúde é utilizar-se de um conjunto de procedimentos de orientação etnográfica, permitindo obter informações básicas de forma ágil em um tempo menor do que as abordagens tradicionais. Uma abordagem etnográfica só pode ser construída partindo da ideia de que “os comportamentos humanos só podem ser” explicitados e compreendidos, se for tomado com referencial “o contexto social onde eles atuam”.

A primeira entrevista ocorreu no dia 03/10/2019, cheguei ao “Espaço Holístico Sandra Caleiro” às 13h20min para conversar antes da sessão com a terapeuta reikiana Sandra, acertar os detalhes e onde eu aguardaria até o término da sessão. Os detalhes sobre o projeto e contexto da entrevista já havia conversado anteriormente com a terapeuta. A entrevista ocorreu após o término da sessão de Reiki com a “cliente/receptora que estava agendada para as 14h.

O “Espaço Holístico” localiza-se num prédio de três andares de apartamentos e é num dos apartamentos está situado o Espaço, composto de uma ante sala com uma fonte d’água como mostra a Fotografia 1.

Fotografia 1 – Ante sala



Fonte: Denise Copetti Pivetta

Quando se entra na primeira sala é necessário tirar os calçados⁸, tendo disponíveis alpargatas para colocar. A primeira sala é ampla onde está a recepção, tem uma escrivaninha à direita e a esquerda um sofá e três cadeiras. Após tem um corredor onde a esquerda localiza-se um banheiro e ao longo do corredor as salas de atendimento, duas destas salas estão preparadas com macas para a aplicação de Reiki como mostra a Figura 1.

No final do corredor tem uma sala ampla que é um espaço destinado à iniciação das turmas de Reiki e para a troca da terapia dos alunos, bem como para a meditação e yoga, que ocorrem à noite e finais de semana.

Fotografia 2 – Sala de aplicação do Reiki no Espaço Holístico



Fonte: Denise Copetti Pivetta

Nos dias e horários das aulas em grupo não ocorre o atendimento individual, a sala onde são feitos os atendimentos de Reiki tem uma maca ao centro com lençol e travesseiro e atrás da cabeceira tem uma cadeira de madeira que a terapeuta se senta ao aplicar. Além disso, a sala dispõe de uma estante com vários objetos como uma luminária de cristal branco e um globo terrestre além de ser preparada energeticamente, tem uma música suave e incenso. No teto há uma luminária com as sete cores do arco-íris e a terapeuta muda conforme a necessidade do

⁸ A retirada dos calçados antes de entrar no ambiente segue a tradição oriental, sendo um ato de higiene, mas também para não entrar com impurezas energéticas da rua e/ou de outros ambientes externos por onde as pessoas andaram anteriormente.

cliente/receptor em trabalhar determinado chacra, ou seja, auxiliar onde a energia está bloqueada, fazendo uso da cromoterapia⁹ conjuntamente.

Fico aguardando em outra sala até o término da sessão para fazer a entrevista, após Sandra apresenta-me a cliente/receptora como pesquisadora e permanece na sala a pesquisadora e a entrevistada, explico o projeto de pesquisa, a entrevista e o termo de consentimento, que garante o respeito a privacidade e o anonimato. Procedi da mesma forma em cada entrevista e todas ocorreram de forma tranquila, com total colaboração das entrevistadas, onde a relação com a pesquisadora foi de proximidade, confiança e ética.

Para as autoras, Victora et al (2000, p. 55), os “dados obtidos” dependem em “grande parte” da “interação social” entre os pesquisados e a pesquisadora. As entrevistas duraram em torno de 15 a 20 minutos. Assumi o compromisso que após a finalização dessa pesquisa seria dado o retorno as entrevistadas e a Sandra.

O principal diferencial das entrevistas realizadas em 2020 foi a pandemia, pois, em 2019 não contávamos com essa situação a nível mundial, resultado da Covid-19. Quando os atendimentos no “Espaço Holístico”, onde as entrevistas do ano anterior foram realizadas, foram normalizando-se, de acordo com a determinação das autoridades locais, foi possível agendar outras entrevistas. Todas as interlocutoras da pesquisa concordaram com as entrevistas presenciais, seguindo todos os protocolos determinados, como uso de máscara, álcool gel, e o distanciamento de no mínimo dois metros. Assim, foi possível a realização de entrevistas presenciais e, conforme as entrevistas feitas em 2019, a pesquisadora aguardou o término da sessão de Reiki para fazer a entrevista. Na sala que foi feita a entrevista, tanto a pesquisadora como a pesquisada estavam usando máscara e mantendo a distância mínima, obteve-se a mesma relação de interação das entrevistas anteriores ocorridas em 2019. As salas de atendimento eram higienizadas após cada atendimento.

Como em 2019 não ocorreu a inserção da pesquisadora na sala para a observação durante a sessão da referida terapia, isto estava previsto para ocorrer em 2020. Este procedimento seria possível isolando¹⁰ o espaço onde ela ficaria na sala, para não ocorrer a interferência energética durante a sessão, mas, devido a “pandemia” e como medida de

⁹ Cromoterapia uso das cores como tratamento auxiliar, visto que cada chacra tem sua cor correspondente.

¹⁰ Isolamento, de acordo com a Mestre Sandra, é quando você tem uma segunda pessoa que está assistindo o trabalho (sessão de Reiki) então é impreterível que esta pessoa seja protegida. Você pode colocar ela dentro de um cubo de luz protegendo-a, ou você pode traçar ChoKu Rei (símbolo do Reiki de poder) como uma linha imaginária de energia fazendo um escudo, para que os miasmas estão saindo daquele atendimento, não afetem o observador.

segurança da saúde de todos os que estariam envolvidos, optou-se por não fazer esse procedimento.

3. REIKI: SIGNIFICADOS E PERCEPÇÕES

3.1 O QUE É O REIKI

O Método Reiki é um sistema natural de harmonização e reposição energética que mantém ou recupera a saúde dos corpos físico, emocional, mental e espiritual, atuando de forma integral, holística. A visão holística alicerça-se no conceito de holismo, a palavra “holismo” é derivada do grego “holos”, que significa todo. Atuando como um instrumento de transformação de energias nocivas em benéficas, através do toque suave das mãos¹¹ ou a uma pequena distância dos chacras desbloqueando-os, permitindo que a energia flua promovendo a harmonização e reposição energética.

A palavra chacra é originária do sânscrito¹² significa roda ou vórtice. Para De’Carli (2011, p. 180-181), encontra-se uma vasta literatura com relação a teorias orientais referente aos chacras. Os chacras são centros de energia redondos, no Oriente são conhecidos desde a antiguidade sendo dado a eles nomes exóticos, enquanto que, no Ocidente são referidos pela numeração ordinal e pelo nome do centro físico onde encontram-se localizados no corpo humano. Esses centros energéticos, no Oriente, “são vistos como redemoinhos de energia, pequenos cones (funis) de energia giratória”. Sendo importante conhecer sobre o assunto, visto que, a energia Reiki trabalha, principalmente os corpos sutis e os mesmos são primordiais na prática da terapia Reiki. Pois, as posições das mãos¹³ na aplicação do Reiki seguem a localização dos chacras principais que correspondem ao sistema glandular endócrino do corpo. Os chacras principais trabalhados no Método Reiki, são sete e localizam-se da base da coluna ao topo da cabeça. Cada um vibra com um som ou mantra correspondendo a uma nota musical,

¹¹ Toque suave das mãos – ou imposição das mãos e pode ser realizada sem a presença física do receptor, bem como também pode ser aplicação em não humanos e alimentos, como autotratamento e, enviada para o planeta.

¹² Sânscrito – É uma língua bastante antiga da Índia. “O sânscrito, sem levar em conta a sua antiguidade, possui uma estrutura maravilhosa: é mais perfeito que o grego, mais rico que o latim e mais extraordinariamente refinado do que ambos. Mantém, todavia, com estas duas línguas tão grande afinidade, tanto nas raízes verbais quanto nas formas gramaticais, que não é possível tratar-se do produto do acaso. É tão forte essa afinidade que qualquer filólogo que examine o sânscrito, o grego e o latim não pode deixar de acreditar que os três provieram de uma fonte comum, a qual talvez já não exista. Razão idêntica, embora menos evidente, há para supor que o gótico e o celta tiveram a mesma origem que o sânscrito. (ROBINS, 1983, p.107 apud GONÇALVES; BASSO, 2010, p. 12-13).

¹³ Posição da Mãos – Será abordado posteriormente ao longo do texto.

como também está relacionado a um elemento natural (terra, água, fogo, ar e éter), eles são responsáveis pelo fluxo energético do corpo humano.

A função principal dos chacras é absorver o prana (energia que provém do sol), metabolizando, alimentando a aura¹⁴ de cada um e, posteriormente emitindo energia ao exterior. Funcionando como “veículos de energia ou regiões de conexão que ligam o corpo físico ao sutil” e, seus “vórtices giratórios ficam em constante movimento”. É através dos chacras que se perde energia quando se está em “sofrimento físico e emocional”, cada um tem sua função e significado “ligado a determinados órgãos” desempenhando “funções específicas no plano emocional, psíquico e espiritual”. E o perfeito funcionamento dos mesmos “é sinônimo de perfeita saúde, mas a abertura de todos a todos os níveis é sinônimo de evolução” (DE’CARLI, 2011, p. 181-182).

Os sete chacras principais são:

- **Primeiro Chakra ou Básico ou Muladhara:** seu significado é raiz, situa-se na base da coluna vertebral entre o ânus e os órgãos sexuais. Sua cor é vermelho, seu elemento correspondente é terra. O chakra básico relaciona-se com a existência terrena, a sobrevivência do ser humano. Quanto mais harmonizado e vitalizado esse chakra estiver, mais elevada será a energia física (disposição). Seu centro físico são glândulas suprarrenais. Segundo o relato da terapeuta Sandra, uma das formas de harmonizá-lo é através do ritmo samba, tendo efeito imediato.

- **Segundo Chakra ou Umbilical ou Svadhisthana:** significa “a sua casa”, localiza-se na região do mesmo nome e, em algumas literaturas de 4 a 5 dedos abaixo do umbigo. Sua cor é laranja, tem como elemento correspondente a água. Esse chakra ‘concentra as qualidades que tem a ver com a sexualidade, curiosidade, busca criativa do prazer material, pelas emoções e as relações com outros indivíduos. Tem como centro no corpo físico os “órgãos reprodutivos, suas glândulas correspondentes são os ovários, na mulher, e testículos e próstata, no homem” (DE’CARLI, 2011, p. 182-183).

- **Terceiro Chakra ou do Plexo Solar ou Manipura:** seu significado é “a jóia do umbigo”, localiza-se na região do diafragma, um pouco acima do estômago. Sua cor é amarelo, e seu elemento correspondente é o fogo. Concentrando as qualidades da mente racional e

¹⁴ Aura – “[...] é uma emanção sutil e magnética produzida por forças etéreas. Todos os corpos possuem esse campo magnético, que se irradia como os raios solares que emanam do sol” (DE’CARLI, 2011, p. 199).

peçoal, vitalidade, vontade de saber e aprender, associado ao ego e ao corpo emocional, é o ponto de ligação com as outras pessoas. Seu centro físico corresponde ao pâncreas.

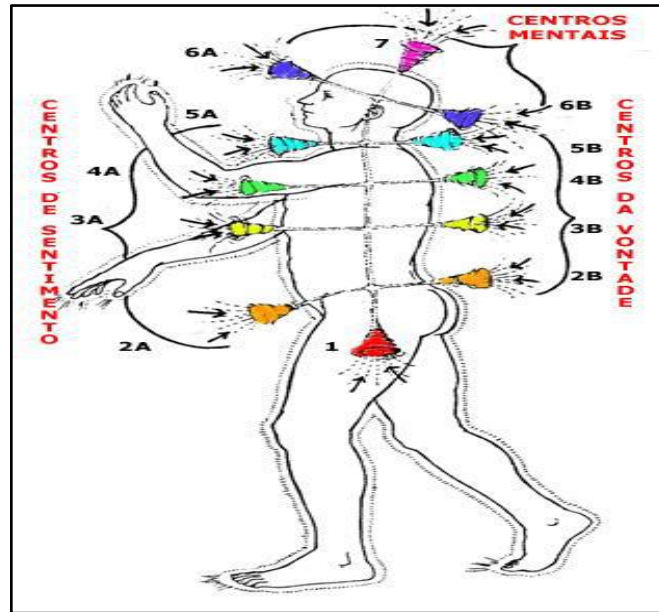
- **Quarto Chakra ou Cardíaco ou Anahata:** significa “som inaudível”, localizado na região cardíaca. Sua cor é o verde e o rosa e seu elemento é o ar. O chakra cardíaco está no meio, sendo uma ponte de transferência de energia dos chacras inferiores e superiores. Representa o amor incondicional, permitindo amar inteiramente sem restrições. Seu centro físico é o timo.

- **Quinto Chakra ou Laríngeo ou Vishudda:** significa “purificador”, localiza-se no meio da garganta. Sua cor é azul claro e seu elemento é o éter. É o chakra da comunicação, da criatividade, capacidade de receber e assimilar, do som e vibração. Seu centro físico é a tireoide.

- **Sexto Chakra ou Frontal ou Ajna:** significa “saber ou encomendar”, localiza-se no meio da testa, entre as sobrancelhas, também chamado de terceiro olho. Sua cor é o azul índigo e seu elemento é o éter. “É o chakra dos sentidos, responsável pela energia da parte superior da cabeça”, “representa a intuição, a vidência e a audiência no campo da paranormalidade” Está “ligado ao corpo celestial da aura, não tem elemento correspondente no mundo físico”, e “sua glândula correspondente é pituitária” (DE’CARLI, 2011, p. 191-192).

- **Sétimo Chakra ou Coronário ou Sahasrara:** significa “a flor de mil pétalas”, localiza-se no alto da cabeça. Suas cores são o branco, o dourado e o violeta. O chakra coronário “é luz de conhecimento e consciência”, caminho do crescimento, é o “elo entre a mente espiritual e o cérebro físico”, relacionando-se com o ser completo e com a realidade cósmica. Está associado à conexão com a espiritualidade, representando “a compreensão e ligação com energias superiores”, corresponde à glândula pineal (BABENKO, 2004; DE’CARLI, 2011; MAGALHÃES, 2015; MEDEIROS, 2018). E assim proporcionando ao receptor bem-estar como um todo, redução do stress, reorganização celular, ativa o sistema imunológico, alívio de dores, um reequilíbrio do “ser integral”, restaurando sua energia vital, um “religare”. Como é possível visualizar na Figura 3 todos os chacras.

Fotografia 3 – Chacras



Fonte: Magalhães, 2014 apud MEDEIROS, 2018, p. 19.

O acesso à canalização da energia Reiki está aberto a todas as pessoas e qualquer pessoa pode canalizar onde quiser, quando quiser, desde que tenha sido iniciada ou sintonizada por um mestre habilitado em Reiki, que nada mais é do que ter seus próprios canais naturais energéticos ativados, desobstruídos (DE'CARLI, 2009, 2011; FERREIRA, 2018; MAGALHÃES, 2015; MEDEIROS, 2018; USUI; PETTER, 2003).

Reiki é uma palavra japonesa que identifica o Sistema Usui de Terapia Natural (Usui Reiki Ryoho), em homenagem ao seu descobridor Mikao Usui. “Rei” significa energia universal, à essência energética cósmica que permeia todas as coisas e envolve tudo o que existe. “Ki” é a energia vital individual que flui em todos os organismos vivos e os mantém. A energia Reiki é o encontro dessas duas energias, a energia universal, a energia do corpo e física. Essa energia está em toda a parte, como no ar, nos alimentos sendo que nesses estamos recebendo indiretamente essa energia que está contida nos alimentos (DE'CARLI, 2009, 2011).

O Reiki amplia a energia vital (Ki) que circula naturalmente por nosso organismo, aumentando e mantendo nossa saúde e vitalidade. Sendo uma energia inteligente, atua nos bloqueios energéticos, renovando as células. O método Reiki não é só uma terapia, é também a expansão de consciência. Sendo feliz, você será saudável. A felicidade e a saúde andam juntas, de braços dados (DE' CARLI, 2009, p. 89).

A palavra Reiki que tem sua origem no Japão e tem o kanji¹⁵, formado por dois símbolos que não exprimem letra ou som, mas sim uma ideia, podem ter significados diversos como: “chuva maravilhosa de energia vital”, “a ideia de algo que vem do Cosmo e que seu encontro com a Terra produz o milagre de vida” (DE’CARLI, 2011, MAGALHÃES, 2015).

Além do kanji como simbologia, cita-se a cor simbólica da energia Reiki que é verde, cor da saúde física, e o bambu que representa metaforicamente o funcionamento da energia, visto que o bambu é flexível, apesar de forte, quando tocado pelo vento se dobra, mostrando que quanto menos um ser resistir a realidade da vida, mais resistente se tornará para viver em plenitude. E “entre um nó e outro o bambu é oco, vazio, como é o espaço entre o céu e a terra, representando os que escolheram ser canais da energia Reiki, a passarem a funcionar nesse vazio como verdadeiros “tubos” direcionadores de energia cósmica”. Retos em direção ao alto como crescimento do bambu, simbolizando “o objetivo do itinerário interior”, “o crescimento e evolução” do ser humano “em direção à meta” (DE’CARLI, 2011, p. 142-144).

Fotografia 4 - Reiki em Kanji



Fonte: Disponível em: <<http://evolutiondeconscience.blogspot.com/2015/07/le-jikiden-reiki-un-art-venu-du-japon.html>> Acesso em :13 de setembro 2020.

¹⁵ “Os Kanji são caracteres de origem chinesa, da época da Dinastia Han, que se utilizam para escrever japonês [...]. No Brasil, kanji também é sinônimo de ideograma, que são figuras que representam ideias” (De’CARLI, 2009, p. 274).

Segundo De'Carli (2009, 2011), o uso das mãos para fins terapêuticos é anterior ao período bíblico. Existem evidências que datam de 15 mil anos atrás, encontradas nos Pirineus, e outras, no Tibet, datando de 8 mil anos. “Todos os povos, em diferentes tempos, desenvolveram trabalhos de terapia energética, o que não é surpresa porque a Energia Universal (Rei) esteve sempre presente, desde as primeiras civilizações”. As “mãos são dádivas”, através delas podemos canalizar energia e aliviar o sofrimento daqueles que estão a nossa volta, visto que quando sentimos dores o primeiro instinto é a de colocar imediatamente as mãos sobre a região que dói. O toque das mãos é o mais íntimo e poderoso dos meios de comunicação, gera calor, serenidade e conforto, pois, toque e cura são dois aspectos da mesma unidade (DE'CARLI, 2009, p.28-64).

“Esse impulso universal humano surge a partir da verdade de que as mãos têm incomensurável poder terapêutico, se colocadas numa outra pessoa, num animal ou planta” No centro das palmas das mãos, se localizada os chacras palmares, eles controlam o contato com o ambiente, absorvem e transmitem energia vital, através deles que a energia Reiki é transmitida (DE'CARLI, 2009, p. 65).

Eles apresentam “um delicado aparelho sensorial, sensível a direção do fluxo de energia”, que “ativado e orientado” pela intuição, durante uma sessão de Reiki, conduzem as mãos ao local onde a energia Reiki é necessária: “As mãos falam e o corpo escuta; assim é que funciona o discurso do Reiki”. Sendo que, esses chacras, têm uma profunda ligação com o chacra do coração que representa o amor incondicional que permite amar inteiramente e sem restrições (DE' CARLI, 2009, p. 67)

3.2 UMA BREVE HISTÓRIA SOBRE O REIKI

As técnicas de harmonização através das mãos são anteriores a descoberta do Método Reiki. No Tibet existem registros datados há mais de oito mil anos, expandindo-se pela Grécia, Egito, Índia e outros países, embora tenham se perdido nos dois últimos milênios. Como também existem fatos indicando que Jesus tenham praticado a imposição das mãos.

Essa energia, recebeu outros nomes, nas diversas culturas como: os polinésios chamam de “mana”; os índios iroqueses americanos, “orenda”; na Índia é “prana”; “ruach” em hebraico; nos países islâmicos de “barraca”; “chi” na China, no Japão “ki” e de “energia bioplasmática” pelos russos (DE'CARLI, 2011; MAGALHÃES, 2015).

Mikao Usui, o fundador/descobridor¹⁶ do Método Reiki, “nasceu no Japão em 15 de agosto de 1865. Há controvérsias a respeito da história da vida de Usui, não se tem registros oficiais detalhados, era repassada de Mestre a discípulo, permanecendo misteriosa” (DE’CARLI, 2011, p. 44).

Fotografia 5 - Mikao Usui



Fonte: Disponível em: <<https://www.joaomagalhaes.com/o-tao-do-reiki/2015/08/o-memorial-de-mikao-usui-na-celebracao-dos-150-anos-do-seu-nascimento/>>. Acessado em: 30 novembro de 2020.

Conforme a lenda Mikao tornou-se um padre católico, além de sacerdote cristão, teria lecionado e sido do reitor de uma pequena universidade cristã em Kyoto (Japão), a Doshisha University. Usui ouvia e lia muitas histórias sobre Jesus que no passado, pelo uso das mãos e uma técnica específica, proporcionava milagres e ajudava outras pessoas com suas habilidades. Questionado por seus alunos, não tinha como ensinar a fórmula de harmonização do corpo tal como Jesus transmitia aos apóstolos, ele tinha fé nas escrituras. Em virtude de não ter respondido às perguntas dos seus alunos, teria pedido demissão de suas funções, determinando-se a encontrar respostas para esse grande mistério (DE’CARLI, 2011).

Ressalta-se que não há registros de Mikao Usui nesta Universidade, como diretor, professor ou aluno. Dando continuidade à sua busca, Usui decidiu iniciar seus estudos na

¹⁶ Em De’Carli (2009, 2011) usa o termo fundador e descobridor do Método Reiki, em outras literaturas encontra-se o termo redescobridor e/ou sistematizador (MACKENZIE, 2010 apud BABENKO, 2004).

Universidade de Chicago, não obtendo êxito para sanar suas indagações, resolveu retornar ao Japão, e pesquisar mais sobre as curas realizadas por Buda, na esperança de achar a chave para a recuperação da saúde física, estudou as sutras no Tibete e de acordo com a lenda encontrou “num antigo manuscrito de um discípulo anônimo de Buda [...], os quatro símbolos sagrados da fórmula usada por Buda para tratar e recuperar a saúde das pessoas” (DE’CARLI, 2011, p. 48).

A história do Reiki considerada verdadeira pelos autores, a oficial, como também escrita em seu memorial, é que Usui em março de 1992, no Japão, fez um retiro espiritual de meditação e jejum durante 21 dias, no monte Kurama, em busca de purificação e clareza. E na madrugada do 21º dia, teve a visão de uma luz branca que expandiu sua consciência, abrindo totalmente sua percepção, obteve à compreensão dos significados dos símbolos e a sua utilização. Assim, “naquele momento Usui recebia a sua iniciação”, “como utilizar os símbolos e como ativar o poder em outras pessoas, acessando o método da terapia Reiki” (DE’CARLI, 2011, p. 50; MAGALHÃES, 2015; USUI; PETTER, 2003). “Na secretaria do templo, recebemos informações seguras de que ali nunca foram realizados retiro/ meditação de 21 dias. Entretanto, houve insinuações de que uma pessoa outra poderia ter realizado essas práticas por iniciativa própria, especialmente no passado”. (USUI; PETTER, 2003, p. 10).

Mikao Usui, em 1925, deu o Mestrado do conhecimento da técnica Reiki, em torno de umas dez pessoas, sendo um dos iniciados o Dr. Chijiyo Hayashi, médico aposentado da marinha japonesa, foi um dos mais devotos alunos de Usui e um de seus sucessores, levou o Reiki para sua clínica em Tóquio, e no dia 22 de fevereiro de 1938, Hayashi inicia Hawayo Takata como Mestre de Reiki no Hawaí, tornando-se a primeira mulher Mestre de Reiki no Ocidente. Anteriormente, em 1935, Takata encontrava-se no Japão e descobriu que estava com tumor abdominal, tendo desistido de ser operada na mesa cirúrgica, sendo encaminhada para a Clínica do Dr. Hayashi. Na clínica de recebeu tratamento diário de Reiki e em quatro meses estava totalmente recuperada (DE’CARLI, 2011; MEDEIROS, 2018; USUI; PETTER, 2003).

O Método Reiki foi introduzido no mundo Ocidental por Hawayo Takata e durante trinta anos Takata ministrou seminários e tratou pessoas, iniciando 22 Mestres dando-lhes permissão para formarem novos Mestres após sua morte. Com o falecimento de Takata em 12 de dezembro de 1980, os 22 Mestres reuniram-se e resolveram reestruturar e dar continuidade a “American Internacional Reiki Association” – AIRA, com sede na Flórida, após divergência de alguns, criaram uma segunda associação, a The Reiki Alliance (DE’CARLI, 2011; USUI; PETTER, 2003).

Mikao Usui ensinou três níveis, nível 1, 2 e 3, ou graus principais do Reiki que devem ser mantidos intactos em sua essência, onde o nível 3 é o de Mestre que permite iniciar outras pessoas no método Reiki. Atualmente, vários Mestres dividem o nível 3 do Reiki em dois subníveis, 3-A e 3-B, este é o nível de Mestre (DE'CARLI, 2011). Conforme relato de Sandra, a divisão do nível 3 do Reiki, em 3-A e 3-B foi realizada por Hawayo Takata, porque no Ocidente havia muitos “reikianos” que não queriam dar aula, enquanto no Japão a divisão permanece em três níveis, de acordo como ensinado por Usui, assim a explanação dos níveis do Reiki será descrita no decorrer do texto.

“Sabemos hoje que, face ao momento histórico pós-guerra, alterações foram feitas na história do Método Reiki a fim de que fosse introduzido no Ocidente dentro de uma visão adaptada aos padrões ocidentais, principalmente no que se refere à biografia do descobridor Mikao Usui” (DE'CARLI, 2011, p. 94). Para Magalhães (2015), as modificações da Mestra Takata foram uma adaptação necessária em decorrência do período pós-Segunda Guerra Mundial, nos Estados Unidos bem como Takata referia-se a Mikao Usui como sendo um padre cristão e não como um monge budista.

3.3 O REIKI NO BRASIL

O Primeiro seminário de Nível 1 do Reiki, no Brasil, ocorreu em novembro de 1983, e o de Nível 2 em dezembro do mesmo ano, na cidade do Rio de Janeiro – RJ ambos foram ministrados pelo Mestre de Reiki norte-americano Stephen Cordi Saiki.

Segundo De'Carli (2011), foi este Mestre norte-americano que trouxe o Método Reiki para o Brasil, e a divulgação da técnica em território nacional ocorreu em 1988, pelos Mestres Jason Thompson (americano) e a psicóloga Dra. Claudete França (primeira Mestre do Reiki nascida no Brasil), ambos iniciados pela Mestre Kate Nani, da Califórnia, EUA.

No ano de 1996, os primeiros livros sobre o Método Reiki começaram a ser traduzidos para o português e comercializados nas livrarias brasileiras, sendo o primeiro livro sobre o termo, publicado no Brasil, foi “Reiki para todos: energia vital em ação”, de Oriel Abarca e Roberto King, ambos argentinos, em 1996 (DE'CARLI, 2011). Atualmente encontra-se vários livros sobre Reiki do escritor brasileiro Johnny De'Carli.

O Método Reiki se adaptou bem ao público brasileiro, tornando-se uma prática de recuperação e manutenção da saúde para dezenas de milhares de pessoas no país (DE'CARLI, 2011). Inclusive sendo uma das PICs, que faz parte do SUS, desde 2017.

No Brasil, encontra-se a Associação Brasileira de Reiki¹⁷, fundada em 1983, o Instituto Brasileiro de Pesquisa e Difusão do Reiki¹⁸, fundado em 2004, e a Associação dos Mestres e Terapeutas Reiki do Distrito Federal¹⁹, exemplos da expansão e dimensão do Reiki no país (FERREIRA, 2018). De acordo com Babenko (2004), calculava-se, em 1998, a existência de aproximadamente 400 mestres e mais de 100 mil pessoas iniciadas no Reiki, acredita que a cada ano pelo menos 6000 brasileiros cursem o nível 1 do Reiki.

3.4 O REIKI: APLICAÇÃO, SINTONIZAÇÃO, SÍMBOLOS E PRINCÍPIOS

O Reiki, como referido, sofreu alterações quando veio para o Ocidente e tem-se conhecimento que Usui utilizava a técnica Reiki de forma flexível e intuitiva, sem posições convencionais como existem hoje, de acordo como as ensinadas nos seminários no Ocidente.

O método foi sistematizado por Chijiro Hayashi, após a morte de Usui em 1926, criando posições padronizadas para aplicação de Reiki na sua clínica, que visam trabalhar todos os principais órgãos e glândulas do sistema endócrino, tendo ligação com os sete principais chacras que equilibrados todo o organismo funcionará bem (DE'CARLI, 2009; USUI; PETTER, 2003).

DE' CARLI (2009, p.155) cita que

“A mestre Hawayo Takata não seguiu uma linha tão rígida quanto ao Dr. Hayashi, seu mestre. Ela diminuiu o número de posições para doze e aumentou o tempo de permanência em cada uma delas para cinco minutos, dando sempre muita importância ao tratamento completo. Ela dizia: “Coloque em equilíbrio os órgãos principais e energize-os, e a recuperação acontecerá”.

E variam entre 12 a 24 posições básicas (Fotografia 6), dependendo da escola, o Instituto Brasileiro de Pesquisas e Difusão do Reiki²⁰ segue a orientação do Sistema Usui/Tibetano²¹, “quatorze posições básicas: quatro na cabeça, quatro na frente, quatro nas

¹⁷ <http://www.ab-reiki.com.br/abr.htm>

¹⁸ <https://reikiuniversal.com.br/>

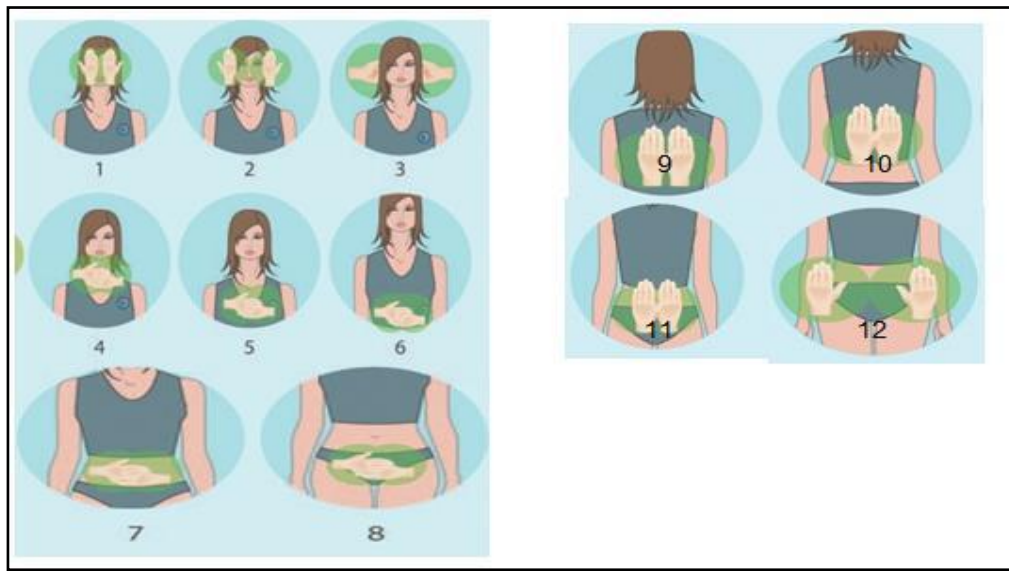
¹⁹ <https://ameterreiki.com.br/quem-somos/>

²⁰ Instituto Brasileiro de Pesquisas e Difusão do Reiki, site: < <https://reikiuniversal.com.br/>>, (DE'CARLI, 2009).

²¹ Encontra-se o termo Reiki em diferentes ramificações das escolas que se desenvolveram a partir dos ensinamentos de Mikao Usui. Existem atualmente outros tipos de Reiki como: Reiki Xamânico, Karuna Reiki®, Reiki Healing, Reiki Egípcio, Reiki Kahuna, etc. Sendo que estas outras denominações do Reiki são fundamentadas nos ensinamentos de Mikao Usui. Por exemplo, para se receber iniciação do Karuna Reiki® é

costas e duas nos pés”, todos os sistemas são válidos. Todavia, ‘há um consenso de que o melhor é começar a aplicação pela cabeça’, sobre a roupa do receptor, “iniciando pelos olhos primeira posição da cabeça’ (DE’CARLI, 2009, p. 155).

Fotografia 6 - As 12 posições de Reiki



Fonte: Disponível em: <<https://www.joomagalhaes.com/o-tao-do-reiki/2014/12/o-protocolo-de-aplicacao-de-reiki-a-outros/>> Acesso em 10 de novembro de 2020.

Uma sessão de Reiki se realiza com o receptor (cliente) deitado em uma maca preferencialmente ou sentado em uma cadeira, dura em média de 30 a 60 minutos, com os dedos e as mãos em forma de concha. E antes de iniciar propriamente a sessão, Sandra conversa amenidades com o cliente para que ele possa baixar os batimentos cardíacos. E ao deitar na maca, o primeiro procedimento antes da aplicação é pedir licença para o campo áurico²² que está sendo protegido pelo “anjo guardião” dela, que é um processo chamado de

necessário ter pelo menos o Nível 2 do Sistema Usui. E atualmente chega a um número de trinta “vários” tipos ou “sistemas” de Reiki (FERREIRA, 2018).

²² Campo Áurico é geralmente chamado de aura, é uma emanção sutil e magnética produzida por forças etéreas, que envolve e interpenetra o corpo físico, tanto pode produzir quanto receber impressões. Paracelso foi um dos primeiros estudiosos do Ocidente a divulgar a teoria do Campo Astral. Esta energia recebeu vários nomes, para Mesmer é “magnetismo” e para Jussieu “o fluido elétrico”, etc. Sentimos atração ou repulsão instintiva. Dependendo do caso, “aparentemente” sem razão de ser. A aura é um guia infalível do estado de saúde dos indivíduos; nos saudáveis, os raios vitais expandem-se na atmosfera áurica dotada de um brilho intenso e cristalino, e nos doentes as cores são apagadas e sombrias. A aura representa as causas das nossas enfermidades. Todos os corpos possuem esse campo magnético (plantas, animais, pedras, etc.) que se irradia como os raios solares que emanam do sol (DE’CARLI, 2011, p. 199-204).

alisamento/escaneamento com objetivo de identificar as áreas que mais precisam da energia Reiki, a limpeza do campo áurico ocorre através de movimentos físicos como se estivesse arrastando a energia mais densa, ou usando símbolos de limpeza conforme o terapeuta vai se especializando, encaminhando essas energias para determinados planos (como o astral, espiritual, etc.) para que possam ser limpas e reorganizadas voltando para a natureza, conseguinte a esses procedimentos se inicia a sessão de Reiki em si.

O espaço físico onde ocorrerá a sessão de Reiki foi previamente harmonizado. Sandra explica que a primeira coisa que se faz para a harmonização, é a preparação do ambiente como um todo, e como o espaço onde ela atua tem mais de uma sala de atendimento, sala de recepção e de curso, essa preparação ocorre primeiramente a nível de prédio envolvendo o espaço físico externo.

Imaginando o primeiro símbolo²³, falando seu nome três vezes “dizendo limpa, transmuta, harmoniza e potencializa amor, cura e compaixão”, no teto, piso e depois nos quatro cantos, ou quando for direcionado aos quatros cantos é feito em forma de “X”, processo de falar e/ou comando depende de cada terapeuta²⁴. Estende-se esse procedimento para fora do ambiente colocando quatro colunas de sustentação nas cores verde, rosa, azul e, geralmente, a quarta cor predomina que pode ser ou prata, dourado, vermelho, de acordo com a “intuição” pedindo para que as energias protejam o ambiente de qualquer energia que seja “negativa”, “mal-intencionada”, “mal qualificada”. Posteriormente este procedimento é estendido para as salas de atendimento, que no momento vai estar com música suave tocando, incenso, a lâmpada colorida, podendo ser trocada a cor no momento da sessão e/ou após conforme a “intuição” do terapeuta.

Assim sendo, para que os procedimentos citados acima aconteçam, bem como a sessão do Reiki, o terapeuta passou anteriormente pelo processo de sintonização/iniciação, realizado por um Mestre para colocar o terapeuta na frequência da energia Reiki, este procedimento recebe também outras denominações como “transmissão de energia”, harmonização”, “religare”. A sintonização se faz necessária, pois é a forma como o Reiki é transmitido de Mestre para aluno, desde o nível 1 como os subsequentes.

²³ Mas dependendo do trabalho a ser feito ela usa o quarto e o segundo símbolo, o primeiro símbolo é o de poder. O(s) símbolo(s) serão descritos no decorrer do texto.

²⁴ Sandra relata que usa comando, mas poderia ser uma prece, devido aos anos de trabalho você vai aprendendo a trabalhar com seus “guias espirituais”, que podem ser anjos, guias, depende da diretriz/doutrina que cada um segue.

Como descrito anteriormente, o Mestre Usui ensinou três níveis do Reiki e, hoje, vários dividem o nível 3 em dois níveis. E os seminários de Reiki são passados em períodos que variam de oito a dezoito horas (DE'CARLI, 2009, 2011, 2014; MAGALHÃES, 2015).

O Nível 1 (O Despertar), também chamado de nível físico, sendo que a transmissão da energia Reiki ocorre por contato físico das mãos do reikiano para o receptor. Este nível é completo em si mesmo, sua ênfase é o auto tratamento, isto é, o tratamento aplicado em si mesmo. O iniciado aprende as posições básicas para se tratar e a outras pessoas, e o modo de tratar os animais; a Mestra Sandra²⁵ explica que “o nível 1 é o despertar de si mesmo, despertar para o que? – para a espiritualidade dele, então, isso por si só significa que ele não está trabalhando para os outros, mas em prol de si mesmo, e que ele não deve atender. Podendo esporadicamente aplicar Reiki nas pessoas das suas relações íntimas, como pai, mãe, etc., visto que estas pessoas estão no mesmo padrão frequencial dele. O tempo necessário para aplicação pode variar de 60 a 90 minutos (DE'CARLI, 2009, 2011; MAGALHÃES 2015).

Neste nível a maioria dos mestres não ensina o símbolo 1 do Reiki, visto que o Método Usui possui três símbolos, e no Japão não é ensinado, pois não tem símbolo no nível 1 abordar os símbolos é algo polêmico de acordo com alguns professores de Reiki, é sigiloso²⁶, sendo que a maneira de os desenhar também varia conforme a linhagem do mestre repassando ao seu aluno. O símbolo 1 é denominado de “Choku Rei ou símbolo de poder”, este símbolo é “Intensificador de Poder” sendo usado para intensificar o efeito dos demais símbolos, é o que permite a conexão imediata com a “Energia Primordial Cósmica”.

Alguns Mestres, assim como Sandra, revelam aos seus alunos esse símbolo já no nível 1, porque de acordo com ela, o seu aluno com esse símbolo limpa e protege seu campo áurico, visto que, como já referido previamente, ela também usa esse símbolo para limpar e proteger o ambiente onde vai ser aplicado a terapia Reiki (DE'CARLI, 2009, 2011, 2014).

O Nível 2 (A Transformação), é conhecido também como mental, pois o iniciado trabalhará problemas mentais e emocionais. Para aqueles que já receberam CKR²⁷ no nível 1 agora receberão mais dois símbolos. O símbolo 2 que é o “Sei Re Ki”, considerado o mais antigo dos símbolos, também chamado de “Símbolo da Harmonia”, no ocidente este símbolo

²⁵ Sandra também se refere a cada sintonização como um “ritual magístico”, não faz parte do escopo desse trabalho abordar a categoria ritual.

²⁶ Atualmente, fazendo uma breve pesquisa no google encontra-se os símbolos do Reiki facilmente.

²⁷ CKR – O símbolo 1 do Reiki – Choku Rei.

está associado ao bem estar emocional e mental, atrai a energia do céu, atuando no campo emocional.

E o símbolo 3 do Reiki, que também é recebido neste nível, chamado de “Hon Sha Ze Sho Nen”, e seus significados mais conhecidos são: “nem passado, nem presente, nem futuro”, “eu sou consciência correta”, “ a divindade que existe em mim saúda a divindade que existe em você”, chamado de “símbolo da distância” é com este símbolo que se pode enviar energia Reiki a distância seja para o Planeta, lugar e/ou pessoa que esteja distante, não é necessária a presença física do receptor. Ele trabalha abrindo a ligação com a essência divina de cada ser e os planos superiores de luz, atuando sobre a mente consciente, o corpo mental (DE’CARLI, 2009, 2011, 2014).

O Nível 3-A (A Realização)²⁸, também conhecido como o grau de “Mestre Interior ou Consciencial”, o aluno recebe o símbolo 4²⁹, de Mestrado, mas não o qualifica ainda a ensinar o Método Reiki. O nome deste símbolo é “Dai Koo Myo”, atua no corpo espiritual, serve para amplificar e intensificar os efeitos dos símbolos recebidos nos níveis anteriores, capacitando o iniciado a harmonizar um grande número de pessoas, uma multidão, estados e até países (DE’CARLI, 2009, 2011, 2014).

O Nível 3-B (Mestrado), é o de Mestre de Reiki, conhecido também como de Professor ou Espiritual. O aluno sintonizado neste nível aprende a iniciar novos reikianos, não obrigando-o a ensinar. Para De’Carli (2011, p. 178) “Essa formação necessita de sete meses de treinamento. O aluno, ao receber a iniciação e Mestrado, assume o compromisso de transmitir o Método Reiki da forma como vem sendo feito desde o descobrimento”.

Cabe ressaltar que antes de ser iniciado em um cada um dos níveis é recomendado ao futuro iniciado que se abstenha de comer carne vermelha, bebida alcóolica, cigarro alguns dias antes e depois da iniciação (MEDEIROS, 2018), bem como após cada um dos níveis o aluno passa por um processo de limpeza energética durante 21 dias, onde as toxinas e impurezas armazenadas ao longo da vida de cada um deverão ser expurgadas. A limpeza se dará pelas fezes, suor, urina, sonhos, pensamentos, como emoções negativas. Para que esse processo seja facilitado é importante o iniciado fazer o auto tratamento diário (DE’CARLI, 2009, 2011, 2014). Esclarece-se que o nome de cada símbolo é um mantra e deve ser pronunciado/repetido três vezes.

²⁸ De acordo com algumas linhagens do Reiki o iniciado pode receber nesse nível mais do que um símbolo. Conforme uma das iniciações recebidas pela autora (Sistema Tradicional Usui), no referido nível foi recebido além do símbolo 4 mais dois símbolos sagrados.

²⁹ Abordou-se os símbolos da versão japonesa que apontam ser os comuns a todos os Sistemas Reiki.

O Mestre Mikao Usui orientava seus clientes e discípulos como deviam tratar a si mesmos, enfatizava a importância do auto tratamento, ensinando os cinco “Princípios do Reiki” como alicerces para alcançar a harmonia dos corpos físico, emocional, mental e espiritual (DE’CARLI, 2011), isto é, ter uma vida equilibrada. Estes princípios contribuem para o processo de transformação, sendo que, de nada adianta receber a terapia Reiki ou outras terapias se não ocorrer uma mudança consciencial do ser, um devir e, conseqüentemente, uma mudança comportamental. E devem ser aplicados no dia a dia, Usui recomendava que deveriam ser repetidos várias vezes ao dia.

Os “Cinco Princípios do Reiki”, de acordo com os referidos autores, são:

Kyo dake wa - Só por Hoje: é usada a expressão “só por hoje” porque o “tempo” como se compreende não existe, o tempo linear é uma condição da percepção humana para que as coisas não aconteçam todas ao mesmo tempo. A maioria das pessoas está “presa” ao passado ou “preocupada” com o futuro, e não vive o presente, “o agora, o hoje”. O passado teve sua importância para se chegar até aqui, não se pode mudá-lo, e o futuro será resultado do que é vivido hoje, quando chegar será presente.

Okoru-na – Não se zangue: estar zangado ou com raiva na maioria das vezes ocorre quando as necessidades ou desejos são contrariadas e culpamos alguém. A atitude assertiva é buscar a interiorização, experienciando as contrariedades de forma mais tranquila.

Shimpai suna – Não se preocupe: o preocupar-se é ocupar-se antes, isto é, sofrer por antecipação, é uma atividade mental desgastante e inútil. Preocupação em excesso gera medo e tristeza. Tanto a raiva como a preocupação ocasionam obstrução nos chacras afetando a vitalidade e alegria de viver.

Kansha shite – Expresse sua gratidão: colocar-se na atitude de gratidão pelo que se tem e o que se é, como ser grato pela vida, saúde etc. A gratidão coloca a pessoa em sintonia com a abundância em sua vida.

Gyo wo hage me – Seja aplicado e honesto em seu trabalho: o trabalho seja ele qual for deve ser realizado honestamente e da melhor forma.

Hito ni shinsetsu ni – Seja gentil com os outros: ser gentil com os outros é também ser gentil consigo mesmo. Esse princípio do Reiki ensina que tudo o que está vivo, deve ser respeitado, é a expressão do Criador (a água, ar, fauna, solo, flora), está relacionado com a natureza e com o Cosmo (DE’CARLI, 2011; MAGALHÃES, 2015).

3.5 O REIKI COMO TRATAMENTO PARA SAÚDE E DOENÇA

A doença é o lado sombrio da vida, uma espécie de cidadania mais onerosa. Todas as pessoas vivas têm dupla cidadania, uma no reino da saúde e outra no reino da doença. Embora todos prefiram usar somente o bom passaporte, mais cedo ou mais tarde cada um de nós será obrigado, pelo menos por um curto período, a identificar-se como cidadão do outro país” (SANTOG, 1984, p. 4).

Os processos de saúde e doença fazem parte da cultura na qual os atores sociais estão integrados, conforme sua compreensão e comportamento. Defendendo-se que os sistemas de atenção à saúde, como também as explicações dadas as doenças são sistemas culturais, estão arraigados nas realidades sociais dos grupos que os produzem.

Existe atualmente uma diversidade de sistemas de atenção à saúde, que não fazem parte da biomedicina, no Brasil são chamadas de PICS.

Assim, compreendendo que o Reiki faz parte de um dos sistemas de atenção à saúde, como também é uma das PICs, a pesquisa busca conhecer as percepções dos sujeitos que usam esse sistema como tratamento para a saúde e doença, visto que a cultura engloba valores, crenças, normas, simbolismos. Portanto, é necessário o aporte teórico antropológico da saúde e da doença, para elucidar, como esses processos e sistemas de saúde e doença são construções culturais, não homogêneos.

Conforme Langdon e Wiik (2010, p. 179), “a antropologia da Saúde vem se consolidando como espaço de reflexão, formação acadêmica e profissional de médicos, enfermeiros e demais profissionais da área da saúde” no Brasil.

A antropologia da saúde (ou médica), é um ramo da antropologia que estuda a forma como as pessoas em distintas culturas e grupos sociais, explicam a origem dos problemas de saúde, quais os tipos de tratamentos que elas acreditam bem como a quem recorrem quando doentes. Estuda também “como essas crenças e práticas se relacionam com as mudanças biológicas e psicológicas no organismo humano, tanto na doença como na saúde” (HELMAN, 1994, p. 21).

Entendendo que a antropologia é aliada das “práticas médicas” e contribui para uma reformulação “paradigmática em relação a biomedicina”. Assim sendo, “estados de “saúde e “doença” devem ser estudados como sendo “processos de existência”, não podendo ser estudados isolados do complexo cultural, para que se entenda as reações das pessoas frente a doença e a saúde (CZERESNIA, D.; MACIEL, E. M.; MALAGÓN, R. A., 2013, p. 13-15; HELMAN, 1994; LANGDON; WIIK, 2010; VICTORA; KNAUTH; HASSEN, 2000).

“Os antropólogos têm destacado que o sistema de cuidados de saúde de qualquer sociedade não pode ser isoladamente dos outros aspectos dessa sociedade, em especial sua organização social, religiosa, política e econômica” (HELMAN, 1994, p. 79). Assim, é preciso

ir “além do estudo da cultura, verificar a organização social de saúde e doença daquela cultura”, englobando as formas como as pessoas são “reconhecidas como doentes”, a maneira como a doença é apresentada aos outros, os valores daqueles a quem a doença é apresentada, e as maneiras como a doença é tratada (HELMAN, 1994, p. 26-27).

Devido a multiplicidade cultural, existe conceitos próprios de cada e em todas as culturas sobre o que é ser/estar doente ou saudável. Como também possuem classificações quanto as doenças, organizadas de acordo com critérios de sintomas, gravidade etc. As suas classificações, bem como os conceitos de saúde e doença, “não são universais e raramente reflete as definições biomédicas”. Como a obesidade que na cultura ocidental é considerada “doença” e ‘estigmatizada socialmente”, enquanto em algumas regiões africanas ser “rechonchudo é sinal de riqueza” (HELMAN, 1994, p. 32; LANGDON; WIJK, 2010).

Para Czeresnia et al. (2013, p. 58) o conceito da “doença” sofreu mudanças no decorrer da história, na antiguidade era visto como “castigo divino”, e desde o Renascimento “as doenças vão passando a ser identificadas de maneira individualizada”. Decorrente do desenvolvimento da medicina experimental, ocorrendo a “sistematização de doenças como perturbações de funções fisiológicas”, modelo usado até hoje. “A OMS (1946) define saúde como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas ausência de doença ou enfermidade” (CZERESNIA, D.; MACIEL, E. M.; MALAGÓN, R. A., 2013, p. 13). Os autores discordam desta definição que sugere um “tipo ideal” como se a vida de qualquer “ser humano” estivesse livre de obstáculos. E o que pode ser considerado saudável hoje, em outro momento pode ser considerado “não saudável”, sendo que “os sentidos conferidos à doença são de natureza individual, singular, por outro lado, as subjetividades são construídas num contexto cultural, social e histórico” (CZERESNIA, D.; MACIEL, E. M.; MALAGÓN, R. A., 2013, p. 13-15).

Em Perurena (1997, p. 105), o processo industrial capitalista condicionou a força de trabalho do homem como mera mercadoria, ofertada e vendida no mercado. E a partir disso, “trabalho-saúde-sobrevivência” torna-se um “trinômio” intrínseco na vida humana moderna, onde a saúde está associada a “capacidade de trabalho” e a doença a “incapacidade”, levando a equivalência “estar doente” e “deixar de trabalhar”.

As narrativas das minhas interlocutoras da pesquisa indicaram também que esta equivalência está enraizada na sociedade, como traz a referida autora. Como é possível perceber no relato de uma das entrevistadas, realizada em outubro de 2019, que há quatro meses estava

recebendo Reiki, uma vez por semana. Ela conta que há um ano e quatro meses foi diagnosticada com um “tumor benigno”³⁰:

Feita já quatro ressonâncias continua do mesmo tamanho, é continuar tocando a vida né, a gente tem que trabalhar, tem que fazer tudo e eu faço tudo não tenho problema. Eu levanto de manhã e sigo em frente, [...] assim ó, eu acho que eu sou saudável por mais que eu tenha esse problema de saúde, eu sou saudável. Eu faço tudo que eu quero sabe, eu trabalho, eu saio, eu faço as minhas coisas, eu sou saudável (Girassol, 2019)³¹.

Assim, para Girassol, o fato dela trabalhar é visto como positivo e sinônimo de ser saudável, esse “problema de saúde” não a deixa incapacitada de fazer qualquer atividade, então ela não se considera doente e sim “saudável”.

Para compreender melhor o Reiki como um dos sistemas de atenção à saúde, bem como a distinção da medicina moderna, dos paradigmas, é pertinente a contextualização dos paradigmas cartesiano (biomedicina) e holístico (Reiki).

Foi somente na Idade Média que a medicina atingiu o “status de profissão” e até o século XIX sua terapêutica e suas funções ainda não estavam definidas. Portanto, a chamada medicina tradicional “sempre” coabitou com as práticas “alternativas” de forma pacífica, até a revolução cartesiana (PERURENA, 1997, p. 104).

Onde a “divisão instituída entre corpo e mente, estabelecida por Descartes”, direcionou os médicos a verem o corpo humano como máquina, deixando a parte a valorização dos “aspectos psicológicos, sociais e ambientais da doença”. O paradigma cartesiano pressupõe que, para se conhecer o todo, é preciso desmembrá-lo e estudar separadamente seus componentes, sendo que, sua “concepção/visão” de mundo é mecanicista, onde o “universo é uma máquina” que se compõe de partes menores que se conectam com precisão. Apreende-se o “relógio como metáfora do mundo”, e assim sendo, as pessoas são tratadas como “máquinas” (DE’CARLI, 2009, p. 229-230; PERURENA, 1997, p. 104).

Esse paradigma acabou impactando todas as ciências modernas, que hoje são consideradas clássicas³², inclusive a medicina no que diz respeito à saúde, a doença é entendida como um mau funcionamento de mecanismos biológicos, e saúde se define como a ausência da

³⁰ A entrevistada a priori relatou que tinha um problema, posteriormente quase no final da entrevista ela falou que era um “tumor benigno”.

³¹ Como mencionado antes mantendo a ética da pesquisa e preservando a identidade das entrevistas, ao abordar os seus relatos no campo, as identifiquei com nomes de flores.

³² Ciências modernas clássicas; física, química, biologia, psicologia, medicina, entre outras (DE’CARLI, 2009).

doença (BABENKO,2004; DE'CARLI, 2009; FERREIRA, 2018; MEDEIROS, 2018; MONTERO, 1985; PERURENA, 1997; TONIOL, 2015).

Para Babenko (2004); De'Carli (2009, 2011, 2014); Ferreira (2018); Perurena (1997), o paradigma holístico, no qual o Reiki está inserido, ganhou força e visibilidade no mundo ocidental a partir dos anos 60, com a “contracultura”, comumente se vê este paradigma ou visão holística sendo chamado de “Nova Era”, “Era de Aquário”, “Movimento New Age”. O paradigma holístico, como já abordado anteriormente; “[...] possui características próprias independentes das características de suas constituintes, que se dá o nome de holismo. “Os sábios da antiga Grécia já usavam o termo holismo, Heráclito afirmava que, "o Todo está contido no Um", ou que "as partes estão no todo e o todo nas partes". Ou seja, cada um ao melhorar-se, melhor o mundo todo” (DE'CARLI, 2009, p. 234).

Esse paradigma veio em resposta ao “descontentamento” com o “modelo mecanicista” (paradigma cartesiano), pois, esse modelo “privilegia a individualidade, a competição e a luta”; enquanto o paradigma holístico é enfatizado pelo “coletivo, cooperativo, complementar” (DE'CARLI, 2009, p. 243). Sendo nesse contexto que ocorreu o surgimento das “terapias alternativas” que, atualmente, no Brasil são chamadas de “integrativas e complementares”.

Assim sendo, de acordo com o paradigma holístico, as doenças podem ser vistas como um desequilíbrio em um ou mais dos componentes do indivíduo, isto é, a desarmonia em um deles acaba afetando os outros. O Reiki não trata “a doença” como algo dissociado do “doente”, buscando restaurar o equilíbrio do sujeito como um todo, não separado em compartimentos, pois, segundo esse paradigma, o corpo físico (esfera física) é o último corpo onde “a doença” se manifesta, isso quer dizer, que os outros corpos ficaram “doentes/desequilibrados” antes do aparecimento na fisicalidade.

Observando a descrição sobre o que são os chacras³³, se constata que o desequilíbrio de um, ou mais de um, está relacionado ao aparecimento da “doença”, como, por exemplo, o desequilíbrio do chakra cardíaco, localizado na região do coração, no qual seu centro físico é o timo, sua cor pode ser verde/rosa, está no meio dos outros centros energéticos (chacras), é uma ponte entre os chacras inferiores e superiores; e quando em desequilíbrio pode produzir patologias como a síndrome do pânico, arritmia cardíaca, pressão alta, câncer, e desenvolver sintomas e atitudes mentais como egoísmo, amor sufocante etc. Quando em equilíbrio proporciona confiança em si mesmo, segurança, aceitação, etc. (DE'CARLI, 2009, 2011, 2014).

³³ O conceito sobre chacras foi descrito anteriormente.

Ferreira (2018), diz que é explanado o importante papel das emoções no processo de saúde/doença³⁴, sendo que é no corpo que a desarmonia emocional aparece, e esta desarmonia/harmonia está relacionada ao desequilíbrio/equilíbrio do (s) chacra(s) também citada em Babenko (2004) e Medeiros (2018).

As definições relatadas nas entrevistas demonstram que o paradigma holístico faz parte da percepção do que seja “doença” e saúde”, onde as suas compreensões do que seja saúde e doença, refletem suas subjetividades de acordo com a “cultura” que absorveram nos grupos sociais que fazem parte.

Segue abaixo algumas das definições das entrevistadas, a partir da pergunta: O que é saúde/doença para você?

“ [...] a saúde eu vejo também como ela sendo física, ou seja, tudo funcionando certo no teu corpo, nos teus órgãos e a saúde mental ou espiritual. Olha quanto as doenças aí é bastante, eu não tenho pleno conhecimento, mas pelo que eu sei, pelo que eu já li as doenças, as doenças podem estar nesta parte espiritual, nessa parte energética também [...] olha eu estou aqui pra me curar, então fisicamente não tenho problemas sérios assim de doenças com nome. Mas me sinto doente na parte emocional por quê muito desgaste de anos, anos, anos e anos de desgaste. Tive traumas também na vida pessoal [...] então eu me sinto ã, eu estava doente, eu estou em tratamento na verdade, eu estou em tratamento de cura disso entende e pra mim o Reiki tá sendo muito bom. Eu estou conseguindo elevar meus padrões energéticos enfrentar meu dia a dia melhor, eu não estou, eu não me sinto curada ainda não, mas eu sinto que esse tratamento está me fortalecendo, pra mim, pro meu dia a dia né, e vamos dizer a solução ou a cura disso é através de mim, mas é as minhas ações [...]então a minha doença essa que eu estou em tratamento desgaste emocional e que acaba vindo para o físico obviamente né, daí não tenho uma doença, graças a Deus não tenho, mas o quê que eu tenho um monte de nó nas costas, um monte de nó nos nervos, nos músculos, tudo, tudo os problemas assim vem, vem que de alguma forma, vem pro físico né, tu sente. O mal dormir isso e aquilo né, essas coisas” (Crisântemo, 2020).

“ Saúde eu acho que é quando tu consegue equilibrar o teu bem estar físico, emocional e mental. Eu vou me sentir saudável quando eu tô sentindo meu corpo bem, a minha mente bem. E doença é quando tu acaba desequilibrando assim, senti que teu corpo não tá bem, tá sentindo alguma dor, então quer dizer que tem algum desequilíbrio nessa parte, mentalmente também “(Orquídea, 2020).

“ Saúde pra mim é pra mim na minha vida é eu tá bem com esses meus problemas né. Então eu tá bem com a minha mente,o meu psicológico porque no meu corpo tudo é o psicológico, todo, todos os problemas são psicológico sabe. Geralmente assim que, que nem essa convulsão gástrica ela não deixa de ser um problema psicológico sabe, e o médico já disse que é um problema psicológico e que eu tenho que achar pra conseguir tratar. Só que eu ainda não consegui achar um médico que conseguisse tratar da maneira, então por isso que eu procuro o Reiki. Porque é a maneira que eu penso que eu vou conseguir achar esse problema e tentar pelo menos amenizar né, não a cura, talvez a cura eu nunca a ache, pelo menos ameniza. E a doença é isso para mim é o mal do psicológico, acho que tudo vem do psicológico “(Hortência, 2020).

³⁴ No decorrer do artigo será abordado.

Das oito entrevistas, quatro estão em tratamento médico simultaneamente com a terapêutica Reiki como tratamento complementar. Portanto, a bibliografia consultada, assim como a empiria dessa pesquisa, demonstra que o Reiki pode ser aplicado conjuntamente com a prática da biomedicina como tratamento complementar. Segundo Helman (1994), para o indivíduo “doente” o que menos importa é a origem do tratamento, mas sim a eficácia em aliviar o seu “sofrimento”.

Os relatos das interlocutoras indicam similaridade na compreensão do que seja saúde e doença, há recorrência nas falas, e saúde significa - “ter conexão com o espírito”, “estar em equilíbrio físico, mental e emocional”, “tudo funcionando certo no teu corpo, nos teus órgãos e a saúde mental ou espiritual”, “estar bem com a mente e o psicológico”, demonstrando que ter saúde não se limita somente ao “corpo físico” estar funcionando bem, que a mente, as emoções e o espiritual também devem estar. E a doença é o desequilíbrio, “mal do psicológico”; “tá sentindo alguma dor, então quer dizer que tem algum desequilíbrio nessa parte, mentalmente também”; “desgaste emocional” que ocasionou outras intercorrências como “nó nas costas”, “nó nos músculos, “tudo, tudo os problemas assim vem, vem que de alguma forma, vem pro físico né, tu sente”. Assim, solidificam que o físico, mental, emocional e espiritual estão interconectados e são “dimensões” importantes e que seu equilíbrio ou desequilíbrio ocasionará a se ter “saúde” ou estar “doente”. Desta forma, as interlocutoras confirmam sua compreensão e “crença” no “paradigma holístico”, onde o Reiki se encontra delimitado.

3.6 REIKI: RACIONALIDADES, PRÁTICAS E INTERPRETAÇÕES

O Reiki é um dos sistemas de atenção à saúde, assim como a biomedicina, cada um sustentado por seu próprio paradigma e sua própria “racionalidade médica”. Segundo Luz (1996 apud PERURENA, 1997, p. 106), toda racionalidade médica se caracteriza por apresentar uma “práxis (atividade social), uma tekné (técnica de curar doentes) e uma gnose (conhecimento de doenças)”. A categoria operacional “racionalidade médica”, criada por Luz, à moda de um tipo ideal weberiano³⁵.

³⁵ Para Sell (2012, p. 157) o sentido de racionalidade, em Weber, pode estar associado há mais de dezesseis conotações diferentes inter-relacionadas, como: deliberado, sistemático, calculável, impessoal, instrumental, exato, quantitativo, regido por regras, previsível, metódico, proposital, sóbrio, meticuloso, eficaz, inteligível e consistente. Mas a racionalidade deve ser entendida como uma construção social, não como caráter ontológico do ser humano, visto que existe um processo social de racionalidade em como a sociedade produz as instituições e as normas sociais. Conforme Cardoso (2008, p. 261) a racionalidade refere-se à capacidade da ação social em sujeitar-se ao cálculo racional de seus meios e fins. Isto é, segundo o pensamento weberiano, e incorporado por LUZ (1996; LUZ; TESSER, 2007) o “tipo ideal”, a esfera da saúde emancipou-se da esfera de valor na sociedade e, cada um dos sistemas de atenção a saúde/doença, assim como Reiki, possui sua própria racionalidade legitimada pela

Uma racionalidade médica é um conjunto integrado e estruturado de práticas e saberes composto de cinco dimensões interligadas: uma morfologia humana (anatomia, na biomedicina), uma dinâmica vital (fisiologia), um sistema de diagnose, um sistema terapêutico e uma doutrina médica (explicativa do que é a doença ou adoecimento, sua origem ou sua evolução ou cura), todos embasados em uma sexta dimensão implícita ou explícita: uma cosmologia (LUZ; TESSER, 2007, p. 196).

Destarte, o Reiki possui sua própria “racionalidade médica” legitimada pela técnica, distinta da biomedicina e, para Babenko (2004), Ferreira (2018) e Perurena (1997), o surgimento de outra(s) racionalidade(s) médica(s) ocorreu(am) pelas lacunas “deixadas pela racionalidade médica ocidental”, convergindo para a inserção das novas práticas terapêuticas. Visto que a biomedicina vem sendo criticada na atualidade por seus métodos terapêuticos, proporcionando espaço para a busca de métodos alternativos, complementares e integrativos de tratamento que veem o ser humano de modo integral, holístico, ou seja, sob as perspectivas física, mental, emocional e espiritual, como o Reiki.

Na grande maioria, desconsiderado pela biomedicina, que ainda mantém a tendência de olhar o corpo do ser humano como uma engrenagem somente. Portanto, a superação do paradigma mecanicista não indica a sua exclusão, mas sua transcendência. Assim, possibilita a complementaridade com outros saberes e, incorporar outras racionalidades médicas “não significa negar a biomedicina, mas incluir suas contribuições” (HEBERLÊ, 2013, p. 27).

As PICS no SUS no Brasil, são legitimadas pela PNPIC, criada em 2006:

As Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), denominadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como medicina tradicional e complementares, foram institucionalizadas no Sistema Único de Saúde (SUS) meio da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS (PNPIC) aprovada pela Portaria GM/MS nº 971, de 3 de maio de 2006 (BRASIL, 2018).

Segundo Heberlê (2013) e Toniol (2015), a Organização Mundial da Saúde (OMS) engloba duas categorias para denominar as práticas não biomédicas, medicina tradicional (MT) e medicina alternativa e complementar (MAC), utilizando a sigla MT/MAC. Embora, no Brasil, essas modalidades de tratamento e cura recebem diversas nomeações como: medicina naturais, medicina alternativa, como terapêuticas não convencionais, entre outras, foram denominadas de “Práticas Integrativas e Complementares em Saúde” (PICS), pelo Ministério da Saúde (MS). Elas são designadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como:

técnica, são formalizadas e estendidas a todos. Portanto, a escolha do sujeito por determinada terapêutica ocorre pela sua subjetividade na eficiência da técnica (WEBER, 1999, 2004)

[...] práticas, enfoques, conhecimentos e crenças sanitárias diversas que incorporam medicinas baseadas em plantas, animais e/ou minerais, terapias espirituais, técnicas manuais e exercícios aplicados de forma individual ou em combinação para manter bem-estar, além de tratar, diagnosticar e prevenir enfermidades. (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2002, p. 7 apud HEBERLÊ, 2013, p. 21-22).

As práticas receberam o nome de “complementares” e não alternativos, pois devem ser utilizadas concomitantemente com o tratamento a biomédico e, não em substituição a ele; e o “termo integrativo” diz respeito “à qualidade de uma prática que integra conhecimentos científicos e tradicionais, mantendo-os, no entanto, a salvo de credices” (HEBERLÊ, 2013, p. 22; TONIOL, 2015, p. 49).

O Reiki está perfeitamente ajustado dentro das PICS, conforme a portaria nº 849, de 27 de março de 2017, incluindo-o na PNPIC, a referida portaria também confere que o Reiki contempla as diretrizes da PNPIC no SUS (FERREIRA, 2018; TONIOL, 2015).

Como também o Reiki é reconhecido pelo Ministério do Trabalho como profissão isolada, “estabelecido pelo Comissão Nacional de Classificação (CONCLA) pelo código 8690-9/01, e classificado dentro da seção de Saúde Humana e Serviços Sociais, na subclasse de atividades de práticas integrativas e complementares em saúde humana”³⁶ (FERREIRA, 2018, p. 30).

O Estado do Rio Grande do Sul aprovou a Política Estadual de Práticas Integrativas e Complementares (PEPIC/RS)³⁷ em 20 de dezembro de 2013 e, em sua versão final - 2015, a Secretaria da Saúde gaúcha referendou, além das práticas terapêuticas já legitimadas/reguladas pela Política Nacional de PICs, outras seis: terapia floral, reiki, práticas corporais integrativas, terapias manuais e manipulativas (massoterapia, osteopatia e quiropraxia), terapia comunitária e dietoterapia.

Além dessas, a Comissão Estadual de Práticas Integrativas e Complementares (Cepic) também estabeleceu, em uma de suas diretrizes, o dispositivo de “recomendação” da medicina ayurvédica, da meditação, da cromoterapia, da musicoterapia, da aromaterapia e da geoterapia (TONIOL, 2015, p. 93). De acordo com o autor, desde 2012, o Reiki e algumas das terapias enquadradas hoje nas PICS, no Estado do Rio Grande do Sul, já eram praticadas em algumas cidades do estado, em Unidades Básicas de Saúde (UBS), sem a permissão formalizada dos

³⁶ No site do IBGE encontra-se essas informações.

³⁷ A tese de Toniol (2015, p. 36-122) se encontra detalhadamente o surgimento da “Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares” (PNPIC) e as “Práticas Integrativas e Complementares” (PICS), bem como a construção da “Política Estadual de Práticas Integrativas e Complementares” (PEPIC/RS).

gestores. Esta terapêutica, por exemplo, era ofertada a pacientes “em tratamento contra o câncer, que funcionava num hospital de alta complexidade” na capital gaúcha, Porto Alegre

Segundo Heberlê (2013, p. 51), não existe nenhuma das PICS implantadas nas unidades de saúde do município de Santa Maria/RS. “[...] existem atitudes isoladas de profissionais de saúde com habilitação nessa área e que resolvem oferecer os serviços na unidade em que trabalham”. O município supracitado, em 6 de janeiro de 2020 entrou em vigor a LEI Nº 6452/2020, que “Dispõe sobre a implantação do Programa Municipal de Práticas Interativas e Complementares e Educação Popular em Saúde – PMPICEPS”³⁸, até o presente momento não se tem conhecimento que as práticas integrativas e complementares inclusas nesta lei, estejam efetivadas em UBS, do município algumas das Práticas Integrativas e Complementares (PICS), são ofertadas em Santa Maria, de forma gratuita, pelo Laboratório de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (LAPICS³⁹), vinculado ao Centro de Ciência da Saúde (CCS) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Encontram-se no município vários espaços que ofertam o Reiki e, outras PICS, bem como há alguns profissionais da biomedicina como – fisioterapeutas, psicólogos, dentistas, entre outros que utilizam o Reiki e/ou outras PICS concomitantemente com o sistema oficial, espaços acessíveis para as camadas da população com condições financeiras para pagar por esses serviços.

Para Maluf (2007), na sua pesquisa de campo sobre itinerários espirituais e terapêuticos, as narrativas para a busca de “terapias alternativas⁴⁰”, advém da identificação de uma crise

“[...] momento que pode ser descrito como um evento significativo ou traumático para o sujeito (doença, separação, perda importante, derrota profissional), ou enquanto um mal-estar vago e indefinido que, pouco a pouco, começa a apresentar aspectos mais específicos. A “crise” é descrita e interpretada em dois sentidos: um sentido espiritual (como uma situação que permite a “manifestação da divindade”, “do caráter transcendente da vida e de todas as coisas”); e um sentido psicológico (a possibilidade da manifestação de uma “essência” pessoal própria a cada um). A crise é percebida, assim, como um “chamado” e como a possibilidade de uma compreensão melhor de si mesmo” (IBEDDEM, p. 7).

³⁸ Site Prefeitura Municipal, disponível em:

<https://www.camarasm.rs.gov.br/tec/proposicao_print_pdf.php?item=63789&assignout=1>, acesso em: 30 de abr. 2020.

³⁹ LAPICS, disponível em: < https://www.facebook.com/LAPICSUFSM/?ref=page_internal >, acesso em 17 de jan. 2021. E disponível em: < https://www.instagram.com/lapicsufsm/?fbclid=IwAR38Yftg2ec5KG4WgSoReFpK_Ig-9U2iLdorl8evgw-NHotx9KCqoFYQ1Q>, acesso em 24 jan. 2021.

⁴⁰ Terapias alternativas eram assim denominadas nos anos 1990.

As narrativas no campo de pesquisa, das mulheres que são receptoras do Reiki, encontram-se em conformidade com Maluf (2007), no sentido de que algumas que buscaram essa prática devido a “doença”, outras para manter e/ou buscar o equilíbrio, segundo a visão holística que faz parte da referida terapia. Observei que as falas das mulheres entrevistadas indicam “rupturas” e “recomeços”, seu (s) relato (s) expressam a mudança de práticas cotidianas, como também um significado espiritual.

Segue alguns relatos das entrevistadas, referente as questões sobreditas:

“[...] tu vai reagir ou agir diferente com as pessoas ou com a situações que muitas, algumas vezes possa tá te incomodando. Com o Reiki tu vai reagir diferente, tu vai vamos dizer assim, como se fosse contar até três antes de abrir a boca ou tomar alguma ação, tu vai ter mais tolerância porque tu vai ter, mais assim uma calma mental pra tu não ter uma reação ruim, ou alguma situação que esteja te incomodando, ou que pressionando, ou estressando, tu vai saber controlar mais as emoções nas relações, , seja com mãe, com filha, em algum outro caso assim” (Crisântemo, 2020).

“[...] já penso duas vezes antes de fazer alguma coisa. Eu sou muito brigona, muito explosiva assim sabe, qualquer coisa eu já brigo. [...] antes no trânsito eu por qualquer coisa colocava a mão na buzina e berrava, agora estou muito mais calma, eu respiro e penso antes de ficar berrando” (Girassol, 2019).

“E eu tava muito afastada fazia um tempo já assim de toda essa questão energética, de autocuidado, do espiritual, então isso me motivou muito assim a fazer o curso pra ter essa autopercepção de novo, foi isso, essa vontade de querer se autoconhecer, se auto perceber” [...] gente acaba tomando mais cuidado o que que vai falar e como vai tratar as pessoas assim, o sentimento de amor parece que se abre assim mais pra, não só pra teus familiares por exemplo, mas tu tem mais cuidado com os teus amigos, com as pessoas que , tu começa que faz pouco que tu conhece, tu já tem essa vontade assim de dá carinho, de cuidado e amor. Eu sinto que eu me tornei uma pessoa muito mais paciente e amorosa assim” (Orquídea, 2020).

Através das falas de Crisântemo, Girassol e Orquídea é possível verificar que ocorreram mudanças nas práticas cotidianas, passaram agir e reagir de forma diferente, “tomando mais cuidado” seja nas decisões, como também em relação ao tratamento com as outras pessoas. Desenvolveram mais tolerância, paciência, amorosidade, indicando assim, “rupturas” com os antigos padrões e integrando uma nova forma de ver/pensar/sentir/agir/reagir.

“O Reiki eu busquei em 2017 porque eu tava numa crise bem séria psicológica assim, eu comecei a namorar e eu achava que eu ia perder meu namorado de todo jeito. E aquele ia mais perder de uma forma drástica, e daí e daí eu comecei a buscar [...]” (Hortênsia, 2020).

“ Eu acho que já é uma percepção que eu tenho de mim, que me organizo, me sinto fragilizada às vezes. Sinto perdas de energia então eu já tenho essa sensibilidade, essas percepções assim, sutis assim. Eu já percebo essas coisas então, eu fiz yoga [...]então o yoga me ajudou bastante para o autoconhecimento né. E fiz vários anos, assim em outros tempos, assim fiz sessões de Reiki. Então eu agora realmente eu, eu me senti bastante é, assim com muitas perdas assim de concentração, de algumas coisas umas

dificuldades até no corpo físico, ou seja, é uma dor no estômago, intestino preso sabe, muito, muitas coisinhas, uma dor na articulação. Então essas coisas assim tu vai percebendo que alguma coisa não está bem em você né, e tu precisa se alinhar e eu acho que a harmonia é muito importante né. A harmonia se tu tá centrado é muito importante, não é só a raça humanidade né, mas espiritualmente né tu tá com tua alma em dia, tá reconectado, tá protegido eu acredito muito nisso” (Violeta, 2019).

Conforme os relatos acima, das entrevistadas a busca pelo Reiki ocorreu para o equilíbrio, harmonia, desenvolvimento do autocuidado e a conexão espiritual, apontando para sanar e/ou amenizar uma “crise” seja ela a nível de complementaridade no tratamento biomédico de alguma “doença”, e/ou na busca do autoconhecimento.

Desta forma, configurando o descrito em Heberlê (2013.), que o surgimento de outras racionalidades médicas não invalida a biomedicina, vindo a somar ao paradigma mecanicista os outros saberes. Nas falas já mencionadas, três das entrevistadas, Girassol, Hortência e Violeta, aliam o Reiki ao tratamento médico convencional e em nenhum momento demonstraram seu descontentamento com a biomedicina nem se opondo a ela.

3.7 REIKI E O CORPO – SENSações CORPORAIS

O método Reiki, que é uma das ‘práticas integrativas e complementares em saúde’ (PICS), estas práticas comungam da visão holística, a interconectividade entre os corpos, em oposição ao paradigma mecanicista, da biomedicina, que faz a divisão entre corpo e mente.

O Reiki não faz a divisão entre corpo e mente, “tratando como um processo interativo em que o contexto de seu ambiente social e seu estado espiritual é valorizado”. Partindo da premissa que corpo não é simplesmente um organismo biológico, transcende a metáfora do relógio, é ele e através dele que o homem está inserido e se relaciona com o mundo. Através do corpo que as crenças, valores, relações sociais, são externadas.

Foi o corpo que apreende (u) a cultura e a experimenta. E é nele que “a saúde e a doença se expressam, são observadas e tratadas. Sendo que é corpo que “carrega” os pensamentos, as emoções, as marcas visíveis e invisíveis, a história vivida.

Portanto, para compreender a “categoria corpo” como objeto da antropologia, não simplesmente como objeto da “cultura”, mas também como agente e produtor, busca-se em Csordas (2008, p.101-102) o embasamento teórico o autor critica a visão reducionista, do corpo como atrelado à função de objeto, argumentando a elaboração de um novo paradigma antropológico para romper com aspectos dualistas no estudo do corpo. O “paradigma da corporeidade pode ser elaborado para estudo da cultura e do sujeito”, onde o corpo é pensado como “sujeito da cultura”, como a base “existencial da cultura”. O corpo pode ao mesmo tempo

ser fonte de representação, isto é, o corpo além de ser reconhecido como um objeto sobre o qual a cultura opera, também deve ser visto como o local de percepções a partir do qual a cultura vem a ser.

Para delinear o novo paradigma, faz uma análise crítica de duas teorias da corporeidade: “Maurice Merleau-Ponty (1962), que elabora a corporeidade na problemática da percepção (pré-objetivo), e Pierre Bourdieu (1977,1984), que situa a corporeidade num discurso antropológico da prática (habitus)”. O autor, compreende que as duas teorias comungam a ruptura das dualidades - para Merleau-Ponty entre “sujeito-objeto”, e para Bourdieu entre “estrutura-prática” (CSORDAS, 2008, p.108-109).

Num evento de cura descrito pelo referido autor a sessão foi conduzida por dois curadores evangélicos e católicos. Além da cura pela fé de males físicos, emocionais e demoníacos, eles incluem uma diversidade de imagens multissensoriais, emoções e manifestações somáticas que indicam o fluxo do poder divino nos e entre os participantes. Elementos comuns do repertório são o rápido tremular ou vibrar de mãos e braços, e sensações somáticas como leveza ou peso, poder ou amor fluindo pelo corpo, calor e formigamento. Risos espontâneos ou lágrimas (CSORDAS, 2008, p. 118-119).

Inspirada pelas discussões do autor, observei que as falas das sensações corporais das receptoras do Reiki também são descritas como – calor, leveza, tranquilidade, sono, estado de sonho, a energia fluindo, mentores descritos como anjos, não sentir as mãos, pés e corpo. E a conexão mente-corpo-espírito também foram referidas nas entrevistas, como demonstrado em relatos das entrevistadas quando perguntadas sobre “Quais são as sensações no seu corpo quando você está recebendo o Reiki, como você descreve esse momento?”

“Hoje por exemplo, que a gente trabalhou, a Sandra falou que foi trabalhado bastante aqui (na face do lado do ouvido que tem a perda da audição), foi a primeira vez que a gente trabalho bastante ah, eles trabalharam bastante a parte da face né, daí eu senti, eu senti pressão, eu senti mexendo [...] o meu anjo-da-guarda né que tava ali junto, ah e os outros mentores que vieram trabalhar sobre a cura né” (Girassol,2019).

“[...] de entidades, e de espíritos que tão ali, e também de luz que tão me ajudando sabe, que tão auxiliando então eu acho que é, eu percebo muito isso nas sessões. Essa, conjunto assim de pessoas entende. Não vejo, não me vejo sozinha. Acho que é por isso que eu me sinto com tanta paz, porque eu tenho tanta confiança, eu me entrego sabe. “Nossa é muito confortante, extremamente, eu sinto toda a energia, eu sinto a energia se movimentando toda, toda, toda, toda. Eu sinto a densidade, o fluxo eu sinto tudo [...]” (Violeta, 2019).

“Bom o que é o mais sinto é o relaxamento mesmo, o relaxamento confortante e que alivia essas cargas mentais [...] tu tem um emaranhado de pensamentos e com o Reiki alivia essas cargas mentais e dá uma tranquilidade inclusive na mente, refletindo

acredito no cérebro mesmo desses reflexos no caso das preocupações, de tensões, de dor” (Crisântemo, 2020).

“Esse estado assim meio consciente né dentro dos sonhos, mas tu não tem controle [...] como se fosse um sonho lúcido por exemplo tu tá ali, como se eu tivesse caindo no sono o tempo inteiro com consciência do meu corpo, mas, com a cabeça assim meio divagando assim, estado de vigília assim que chamam [...] sinto como se principalmente as mãos assim quando eu tô deitada ,eu paro de sentir elas na cama parece que ela não tá mais, não consigo mais sentir ela encostando na maca, como se a minha mão estivesse flutuando e vou sentindo a mão onde o curador tá encostando né [...]” (Orquídea, 2020).

“[...] hoje por exemplo eu senti que eu parecia que eu tava flutuando tá, e eu não sentia nem minhas mãos, nem meus pés nada do meu corpo, nada, nada, nada. Eu voltei com se eu tivesse dormido e voltado e não sentia nada. Eu só sentia o calor né que vinha da mão assim da Sandra sentia bem forte, e a gente senti assim parece que a energia tá fluindo no teu corpo” (Tulipa, 2020).

De’Carli (2009, p.180-184) explica que durante uma sessão de Reiki “os clientes” poderão sentir diversas sensações como - paz, calor pelo corpo, leve formigamento, outros necessidade de adormecer, lágrimas [...] muitos no final da sessão se sentem como se tivessem acabado de acordar após, uma boa noite de sono [...]”.

Segundo Csordas (2008, p. 125), “as percepções sensoriais, as modalidades táteis e visuais”, os “espíritos malignos”, realça a íntima conexão entre toque e visão de uma forma que apela diretamente para a noção de corporeidade como a base existencial da cultura e do sujeito, visto que a cultura é corporificada e não dada exteriormente ao indivíduo. Assim sendo, os relatos no campo são expressões culturais corporificadas.

Para Csordas (2008, p.144-146), o corpo está no mundo desde o princípio, ele é o locus sagrado, pois, é a base existencial da cultura, um meio de experimentação – do fazer-se humano e de suas múltiplas manifestações. Sendo que é o corpo que produz cultura, e a cultura pode ser entendida pelo e por intermédio do corpo, portanto, neste paradigma não há a dualidade entre mente e corpo, mas sua unidade.

O método Reiki não compactua com essa separação entre mente e corpo, para a visão holística essas dimensões se interrelacionam e se influenciam. As descrições relatadas pelas interlocutoras indicam semelhança nas descritas por Csordas (2008), no evento de cura, como as sensações de “calor”, “não sentir as mãos”, “flutuar”, “sono” e as “percepções extracorpóreas”, apontando para a conexão entre o “toque e visão”.

Observei que durante as entrevistas os relatos dessas “sensações” eram expressadas nas posturas corporais, como por exemplo: o corpo relaxado, a tranquilidade, as feições faciais serenas, o olhar e o tom de voz suave, pois, anteriormente a sessão tive um breve contato com as receptoras possibilitando a observação de seus “antes” e “depois”.

A identificação do sentir/sensação no corpo durante a sessão se manifesta de acordo com que culturalmente foi aprendido durante suas vidas, confirmando que a noção de “corporeidade” é base existencial da cultura e do sujeito.

3.8 REIKI E ESPIRITUALIDADE

O estudo acadêmico referente ao binômio “saúde” e “espiritualidade” tem se expandido nos últimos cinco anos, de acordo com levantamento e análise de dados utilizando a plataforma SCIELO (NEGRO-DELLACQUA et al. 2019)⁴¹.

A relação entre o Reiki e espiritualidade é discutida neste trabalho levando em conta que o Reiki que é uma prática integrativa e complementar em saúde para a melhora do bem-estar, físico, mental emocional e espiritual.

A tese de Toniol (2015), que aborda as práticas integrativas e complementares em saúde, argumenta a importância da categoria espiritualidade relacionada a saúde, entendendo que “adoecimento/saúde da pessoa está baseado numa relação inextrincável entre corpo, mente e espírito, e que essa relação pode ser modificada a partir de intervenções” (2015, p. 98)⁴². Em sua pesquisa, num hospital em Porto Alegre – RS, onde o Reiki é utilizado conjuntamente ao tratamento quimioterápico, o autor traz referência as discussões ocorridas no ano de 1983:

[...] 37ª Assembleia Mundial de Saúde, uma decisão histórica foi tomada: a “dimensão espiritual” foi integrada ao programa de estratégia da saúde dos Estados membros da OMS. [...] Quatorze anos mais tarde, o grupo especial do comitê executivo da entidade, destacado para revisar sua constituição, propôs que o preâmbulo do documento, onde se define o que é saúde, fosse alterado para: saúde é um estado dinâmico de completo bem-estar físico, mental, espiritual e social, e não apenas a ausência de doenças ou enfermidades (TONIOL, 2015, p. 202).

Conforme o escopo definido para saúde pela Organização Mundial de Saúde (OMS), o Reiki se enquadra perfeitamente, melhorando o sistema imunológico, estabilizando a pressão sanguínea, os açúcares no sangue, reduz o stress, entre outros, promovendo um bem-estar físico, mental, emocional e espiritual. É um “método terapêutico para o bem do corpo e da alma ou do espírito” (DE’CARLI, 2009, 2001, 2014; FERREIRA 2018).

Conforme os relatos das entrevistadas quando perguntadas – “Você sente alguma conexão corpo-mente-espírito (alma) enquanto está recebendo o Reiki?

⁴¹ Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7164751>>. Acesso em: 18 jan.de 2021

⁴² Em sua tese, Rodrigo Toniol (2015) traz vários autores que relacionam a importância da “saúde e espiritualidade”.

Com certeza é que uma coisa tá ligada a outra entende [...] na hora do Reiki parece que aquela conexão ela se torna mais fluida. [...] o teu aqui agora por mais que eu sei que eu dou uma dormida [...] que eu sinto isso quando tu volta, tu volta pleno e consciente de ti, consciente do teu corpo, consciente do teu espírito, consciente do teu ser.[...] para mim não tem como separa” (Tulipa, 2020).

“A nível mental essa questão da ansiedade por exemplo e me ajudou bastante daí a nível espiritual [...] por exemplo que esses distúrbios do sono que eu tinha estavam ligados a questões espirituais, e junto com tratamento do Reiki eles foram cessando. Então eu acredito que essa cura a nível espiritual assim” (Orquídea, 2020)

Tulipa e Orquídea dizem sentir a conexão corpo-mente-espírito quando estão recebendo o Reiki e que não há como separá-la. Indicando, inclusive, que o processo de saúde/adoecimento é influenciado por essa conexão.

Na narrativa de Orquídea, ela demonstra que a nível mental melhorou a “ansiedade” e seu “distúrbio do sono” relacionado ao espiritual, e com a intervenção do tratamento de Reiki foi sendo modificado seu antigo quadro cessando-o. Ela relata também que os “distúrbios do sono” ocasionavam sonambulismo, pânico do sono e paralisia do sono.

O Reiki que tem como componentes centrais de sua prática os chacras, onde a conexão/desconexão com a espiritualidade ocorre através do chakra coronário (Sahasara), que significa, a flor de mil lótus, “localizado no topo da cabeça e as suas cores são o branco, dourado e violeta” (BABENKO, 2004; DE’CARLI, 2011, p.193).

Nesse chakra que “temos um cordão espiritual que nos liga ao Eu Superior⁴³. [...] ‘ponte espiritual’, por onde penetra a energia universal utilizada no Reiki” (DE’CARLI, 2009, p.73). Ele atua sobre a glândula pineal e córtex cerebral, quando equilibrado traz a sensação de totalidade, de paz, fé dando sentido a própria existência; e em desequilíbrio produz patologias como: insônia, desordens no sistema nervoso, problemas psicológicos, entre outros (DE’CARLI, 2011). Destarte, de acordo com as narrativas supracitas, elas indicam que o Reiki contribuiu para a conexão espiritual e a interrelação corpo, mente e espírito.

Toniol (2015) traz a importância dessa relação quando afirma que este “trinômio” é constituinte para o processo de saúde/adoecimento, onde o equilíbrio/desequilíbrio de um ou mais se refletirá nos outros. O referido autor traz que no campo das ciências médicas os vínculos entre espiritualidade e saúde vem adquirindo cada vez mais legitimidade, sendo demarcada por médicos e pesquisadores devotados ao tema. Como “Peter Hill e Keneth Pargament (2003),

⁴³ Eu Superior- pode ser entendido como a centelha divina de cada ser.

pioneiros na investigação dos efeitos da espiritualidade na saúde, relatam como esse campo tem se adensado e diversificado nas duas últimas décadas”. (IBEDEM, 2015, p. 112).

No hospital⁴⁴ onde foi realizada a pesquisa de Toniol (2015), as sessões de Reiki ocorriam enquanto a medicação quimioterápica era administrada aos pacientes, entendida como complementar ao tratamento principal, subordinado e não concorrente. O médico diretor do setor de oncologia;

[...] o uso do reiki aliado à quimioterapia tem uma dupla justificativa, ambas baseadas na ideia de que a técnica incide sobre o “fator espiritual” da saúde: respalda-se nas pesquisas clínicas que certificam a espiritualidade como elemento determinante para a recuperação de pacientes com câncer; é uma tentativa de diminuir o número de usuários que abandonam o tratamento por razões religiosas por meio de uma prática que se ocupa da espiritualidade no ambiente do próprio hospital”(IBEDEM, 2015, p. 187).

Contudo, cabe ressaltar que o Reiki não tem vínculos religiosos. O autor afirma que, ao contrário da religião, a espiritualidade não depende de uma crença para sua existência, a espiritualidade é entendida como “uma dimensão do indivíduo”.

Assim como em De’Carli (2009, 2011, 2014), que afirma que para receber o Reiki o receptor não precisa acreditar, uma vez que, funciona em animais, plantas e bebês. Posto que a energia Reiki não é manipulada pela mente do “transmissor”, ela vem de outra dimensão, muito superior à mente humana. A dissociação entre espiritualidade e religião, bem como o Reiki não ter vínculos religiosos, é observado nas narrativas das entrevistas, quando perguntadas sobre “o que é espiritualidade”:

“Eu entendo e acredito que nós somos o quê, o físico e o espírito. O físico é que habita esse espírito, e esse espírito é a faísca divina porque nós não somos só matéria, nós somos matéria e energia [...] acredito na evolução do espírito, no crescimento” (Crisântemo, 2020).

“A espiritualidade ela é uma conexão com Deus, sim ela é uma conexão com Deus [...] que existe um ser maior, existe o que uma energia maior que rege todas as coisas [...] a espiritualidade é tu tá conectado com a natureza [...] olha que coisa mais linda um morro por exemplo isso é uma coisa que se tu tá com a tua espiritualidade sabe, com esse alívio na tua respiração [...] tu diz nossa tudo isso é tão, é tão magnífico sabe [...] Espiritualidade [...] é tu conseguir te conectar com as pequenas coisas [...] ter fé [...] a certeza de que as coisas sempre fluem pro melhor, por mais que às vezes a gente tem a percalços, a espiritualidade faz isso” (Tulipa, 2020).

Os relatos acima demonstram que espiritualidade tem compreensões diversas como “uma faísca divina”, “conexão com Deus”, “um ser maior”, “conectar com as pequenas coisas”, transcende a fisicalidade, a materialidade, não palpável, mas sentido e vivido. Tanto para

⁴⁴ O hospital onde Toniol (2015) fez a pesquisa da aplicação do Reiki conjuntamente com o tratamento quimioterápico faz parte Grupo Hospital Conceição (GHC), Porto Alegre – RS.

Crisântemo como para Tulipa a “espiritualidade”, que faz parte de um dos pressupostos do Reiki, é importante tanto nas suas vidas cotidianas como amparo e suporte para as adversidades da vida, para a evolução espiritual, e em seus processos de saúde/doença. E suas narrativas indicam a dissociação da espiritualidade com a religião, e desta com o Reiki.

Para Toniol (2015, p. 261), o mais importante não é a “espiritualidade em si”, mas o quanto a espiritualidade está desenvolvida na pessoa e os efeitos dela na saúde. Seguindo o pensamento do autor, o campo indica que não há o entendimento homogêneo do que é “espiritualidade”, é tão particular, profunda, e transcendente compreensão e, independente de um conceito hermético, o relevante é que a espiritualidade contribui para a saúde do sujeito. E pontuando o Reiki/espiritualidade/saúde a empiria demonstra a indissociável relação, e como a espiritualidade vai se fazendo presente e modificando a forma de ver o mundo das receptoras do Reiki, e de lidar com os processos de saúde e doença.

Conectando com Csordas (2008), com o paradigma da corporeidade, a não dualidade entre corpo e mente que em Toniol (2015) é ratificada, quando o referido autor afirma a relação inextricável entre corpo, mente e espírito. Assim sendo, a espiritualidade também é uma construção histórica e cultural, ela se manifesta no “corpo” e através dele, pois, o corpo está no mundo desde o princípio, ele é o lócus sagrado (CSORDAS, 2008, p. 145).

3.9 REIKI E EMOÇÕES

As emoções fazem parte do ser humano, direcionam as ações e/ou reações, são expressas através do corpo. E desde a infância, o indivíduo vai aprendendo, quais emoções são consideradas bonitas e feias, negativas e positivas, quais são adequadas para cada situação, quais podem ser extravasadas ou não. Nas pesquisas em ciências sociais as emoções já aparecem, de alguma forma, desde o trabalho de Marcel Mauss (1979 [1921], p.147-153), “A expressão obrigatória dos sentimentos”, e tem se tornado mais especificamente objeto de estudos nas últimas décadas como abordado no livro de Maria Claudia Coelho e Claudia Barcellos Rezende (2015), “Antropologia das Emoções”.

Para a medicina psicossomática os processos de adoecimento e saúde estão associados às emoções. Observa-se com isso a importância da visão holística, que vê o ser humano como um todo, onde os aspectos físicos, mentais, emocionais e espirituais estão interligados, influenciando uns aos outros, e com isso ocasionando equilíbrio/desequilíbrio, saúde/doença. É nessa visão que o Reiki está inserido, como relatado anteriormente (DE’CARLI 2009, 2011, 2014).

De acordo com Goleman (1999 apud FERREIRA, 2018, p.18) “os estados das ditas emoções negativas, quando intensas e prolongadas, são capazes de aumentar a vulnerabilidade à doença, piorar os sintomas ou retardar a recuperação. Por outro lado, os estados positivos exercem um efeito salutar sobre a saúde”.

Para Santog (1984, p.33-48), há uma florescente literatura da teoria sobre as causas emocionais do câncer. Em sua exposição algumas “centenas de pessoas com câncer, dois terços ou três quintos declaram ter estado deprimidos ou insatisfeitos com suas vidas, ter sofrido com a perda (pela morte, rejeição ou separação) de um parente, amante, cônjuge ou amigo íntimo”. Indicando a influência das emoções no processo de adoecimento e, o surgimento da “doença” resultado de um desequilíbrio.

A pesquisa de Ferreira (2018), analisa as percepções de usuárias atendidas pela terapia Reiki, dentro dos seus contextos emocionais (tristeza, medo e ansiedade) e o que elas experimentam durante e depois dos atendimentos. Segundo a autora, é fácil identificar como as emoções se encontram presentes no indivíduo, pode-se perceber a “vergonha” através do rosto enrubescido, a “raiva” como se saltasse fogo dos olhos. E todos os seres possuem emoções, não só as pessoas. As emoções influenciam desde as expressões faciais, gestos, como também os órgãos internos e, para as terapêuticas embasadas na visão holística, como o Reiki, por exemplo, a “raiva” sobrecarrega o fígado. Indicando que pessoas com problemas no fígado sentem, e/ou vivenciam momentos de muita raiva.

Existem distinções que devem ser observadas, como entre emoção e sensação:

[...] “emoção não é sensação”. A sensação é captada através dos sentidos, podendo provocar uma emoção: “A sensação pode ser parcial (posso sentir frio ou numa parte de meu corpo), ao passo que a emoção é sempre uma reação global, envolvendo o ser inteiro. Não posso ter alegria ou tristeza só numa parte” (MARTINS, 2004. p.24 apud FERREIRA, 2018, p. 65).⁴⁵

Para Gonsalves (2015, p. 28-29 apud FERREIRA, 2018, p. 66.), “a palavra emoção tem origem no latim movere (mover). Acrescentando o prefixo e significa mover para fora, trazer à luz o que está dentro, demonstrar o que está em si (ex-movere). A etimologia da palavra já indica a tendência de atuar, de agir quando se está emocionado”. E que a princípio, as emoções podem ser entendidas “[...] como fenômenos cerebrais amplamente diferenciados do pensamento, que contém as suas próprias bases neuroquímicas e fisiológicas e que preparam o

⁴⁵ Em Ferreira (2018) é abordado amplamente sobre emoções e sensações.

organismo para a ação em resposta a um determinado estímulo interno ou desafio ambiental”. E sua intensidade varia de acordo com o estímulo recebido

Para as (os) autoras (es) referidos, as emoções podem ser classificadas em três tipos: emoções primárias ou universais; emoções secundárias ou sociais; e por fim, emoções de fundo. As emoções primárias são aquelas consideradas inatas, que fazem parte do ser desde o nascimento. Alegria, tristeza, medo, raiva, surpresa e repugnância são as emoções “universais”⁴⁶. As emoções secundárias embaraço, ciúme, culpa, orgulho, dentre outras, por sua vez são aquelas ocasionadas pela educação e pela cultura. As emoções de fundo dizem respeito aos estados de bem-estar, mal-estar, calma, ou tensão, estas “emoções permitem que tenhamos, entre outros sentimentos de fundo de tensão ou relaxamento, fadiga ou energia, bem-estar ou mal-estar, ansiedade ou apreensão” (DAMASIO, 2000; MARTINS apud FERREIRA, 2018, p. 67-68).

Assim sendo, observa-se que as emoções “podem contribuir no aspecto de doença e saúde do indivíduo, no qual se deve levar em consideração, que o adoecimento não é uma exclusividade do aspecto físico. Não somente as emoções, mas também o estado mental e espiritual pode contribuir o bem-estar” (FERREIRA, 2018, p. 70). A autora em sua pesquisa, encontrou quatro categorias, descritas como: sensações de bem-estar, sensações corpóreas, visualizações e sensações extracorpóreas e reflexões acerca de si.

Os relatos das entrevistadas quando perguntado, “O Reiki contribui para o seu bem-estar?”, se voltaram para a “sensação de autocuidado” resultando em mudanças de hábitos alimentares e cuidados com o corpo, diminuição da “ansiedade”, “medos”, “alívio da dor”; como foi referido antes, que para Orquídea o seu distúrbio do sono, sonambulismo, pânico e paralisia do sono essas crises praticamente acabaram. Alguns desses relatos indicam proximidade com os encontrados por Ferreira (2018), sensações de bem-estar, reflexões sobre si, e em outros relatos anteriormente descritos as sensações corpóreas, visualizações e sensações extracorpóreas. Conforme demonstrado a seguir:

“Bastante [...] Eu acho que a primeira coisa que eu notei, quando conheci, quando eu fiz o curso assim foi essa sensação de autocuidado por exemplo eu tinha o paladar muito infantil, não tava aberta para provar outras coisas assim sabe, um paladar bem infantil comendo só besteira todos os dias [...] Então comecei a provar outras coisas e me alimentar mais, uma dieta mais saudável assim sabe. Prática de exercícios também desde que eu comecei, eu comecei a querer fazer yoga, [...] tô fazendo mais, mais seguido do que eu fazia anteriormente. Questão de ansiedade assim também antes eu

⁴⁶ Vale destacar que a ideia de emoções universais diz respeito a uma perspectiva compreendida como “essencialista” no campo da antropologia das emoções e é questionada por outras perspectivas (histórica, relativista e contextualista) como mostra o trabalho de Coelho e Rezende (2015).

tinha bastante, distúrbio de sono, sonambulismo, pânico do sono, paralisia do sono (Orquídea, 2020).

“Sim com certeza. Eu tô notando que a minha ansiedade, os meus medos tão diminuindo porque como eu tinha crise de convulsão [...] eu tenho traumas sabe. No domingo eu tive uma crise, não nesse domingo, em algum domingo eu tive uma crise muito forte e eu tenho, tinha trauma dos domingos sabe. Então com o Reiki eu, eu consigo perder esses medos, como eu perdi o medo de perder o meu marido, que agora é meu marido e antigamente era meu namorado sabe. [...] achava que ele ia morrer de qualquer maneira sabe, e daí era muito ruim pra mim me fazia muito mal. Então foi, com o Reiki eu perdi esse medo [...] eu tô perdendo esse medo de ter outras crises sabe. Como as crises são muito forte eu tenho muito medo e daí [...] acabo gravando sabe a roupa que eu tava usando quando eu tive a crise, o dia, então isso tá, tá melhorando, ontem eu passei um domingo bem melhor” (Hortênsia).

Nossa, muito, muito, muito. Eu agora tô me sentindo assim sem dores, eu cheguei aqui com uma certa dor, eu tô sem dor” (Violeta, 2019).

De acordo com os discursos das interlocutoras quando lhes foi perguntado se “O Reiki modificou suas relações pessoais”, eles indicam mudanças em relação a si mesmas pelo “re-despertar” de sentimentos como, por exemplo, “autoconfiança”, “felicidade”, “amorosidade”, “positividade”, “tranquilidade”, “mais centrada”, “tolerância” e “controle das emoções”, “pensar antes de agir e reagir”; e os “risos” podem ser considerados como a emoção de alegria. Conforme elas mudaram as suas emoções, elas refletiram-se nas suas relações pessoais atingindo um patamar diferente do anterior, mais salutar.

Cabe ressaltar que Crisântemo em julho de 2020 estava fazendo 6 meses de recebimento de Reiki uma vez por semana, e Tulipa faz dez anos que tem contato e faz com regularidade de uns três anos para cá. Violeta conhece o Reiki desde 2008 e agora tem recebido uma vez por semana. Desses três depoimentos, só Violeta tem uma “doença”, “autoimune”, denominada “Síndrome de Sjögren”, que “é uma espécie de artrite reumatoide nos olhos”, a sua visão fica embaçada e vai perdendo parcialmente ela, tendo necessidade de “tomar medicações fortíssimas”. Observa-se as mudanças nos relatos abaixo:

“[...] eu senti uma autoconfiança por que às vezes a intromissão [...] mas vibrações né inferiores [...] eu tava fragilizada isso me atingia. Quando eu comecei a fazer o Reiki eu me sinto fortalecida [...] tem coisas que agora acontecem como antes ou talvez até pior, e eu não e isso não me atinge [...] dê uma certa forma as pessoas acho que também perceberam essa diferença, não foi só eu que mudei, mas as pessoas, como eu mudei eu acho que as pessoas também perceberam [...] mas aquilo as pessoas tão percebendo que não tá me atingindo e eu tô muito feliz com isso, (risos). [...] como as pessoas são intolerantes, as pessoas são preconceituosas, as pessoas são egocêntricas por que elas acham que tudo é com elas, que tudo é pessoal né, tudo é pessoal [...] sabe as pessoas ficam magoadas ,ficam feridas e não conseguem sair daquilo ali , não conseguem perdoar [...] com o Reiki assim eu acho que me desperta mais, eu acho que aflora mais na gente , que a gente tem isso né, então tu aprimora esses olhares assim amorosidade, de positividade né ,humanidade (risos), se colocar no lugar do outro , não é “. (Violeta, 2019).

“ Sim, porque ele me deixa bem mais calma, muito tranquila. Quando eu faço [...] tu senti, no meu caso que sou muito ansiosa, eu fico muito mais centrada, eu encaro tudo de uma forma muito mais tranquila é impressionante. Isso modifica é óbvio né, com o meu marido por exemplo eu sou muito mais calma [...] (risos)” (Tulipa, 2020).

“Com certeza modifica por que tu vai reagir ou agir diferente com as pessoas ou com a situações que muitas, algumas vezes possa tá te incomodando. Com o Reiki tu vai reagir diferente, tu vai vamos dizer assim, como se fosse contar até três antes de abrir a boca ou tomar alguma ação [...] vai ter mais tolerância porque tu vai ter mais [...] uma calma mental pra tu não ter uma reação ruim, ou alguma situação que esteja te incomodando, ou pressionando, ou estressando, tu vai saber controlar mais as emoções nas relações, seja com mãe, com filha, em algum outro caso assim” (Crisântemo, 2020).

Como já citado do decorrer do texto, as entrevistas foram realizadas a posteriori o recebimento de Reiki, onde as participantes descrevem suas percepções antes e após a sessão. Conforme o relato de Violeta (2019) antes da sessão de Reiki “[...] eu tava me sentindo cansada, me sentindo com dor, eu tava me sentindo é assim uma aflição”. E após o recebimento de Reiki “E aí agora eu tô super bem, calma, tranquila. Outra pessoa (risos)”. Verifica-se a mudança de um estado de “dor” e de “aflição” para um estado de “super bem”, “calma”, tranquilidade e indicativo de alegria.

A percepção de Hortência direciona para uma mudança nos sentimentos e emoções, de acordo com sua fala, ao responder quando perguntada de como se sentia antes de receber o Reiki hoje, “Fechada essa é a palavra fechada, totalmente fechada pra as pessoas assim sabe, agora eu tô conseguindo me abrir mais. Porque eu fechei com o meu medo[...]”. E ao responder à pergunta de como se sentia após a sessão de Reiki, o “medo” que ela sente está diminuindo a cada sessão, “mais leve “. Ela conta que com a diminuição do medo está conseguindo “se abrir mais para as pessoas”. Hortência faz tratamento com neurologista faz seis anos, toma três tipos de fármacos e um deles é antidepressivo, diz “que é muito nova para tomar tanta medicação”. A seguir, apresento sua fala:

“Agora eu me sinto leve, leve [...] com menos medo, não totalmente sem, mas com menos medo”. [...] consegui tirar aquele peso que eu carrego, que eu tava, eu vinha carregando esse medo sabe, devagarinho parece que cada dia, cada sessão e vou tirando um pouquinho do medo sabe” (Hortência, 2020).

A pesquisa empírica, como já mencionado, iniciou em 2019 e não contemplava o quadro pandêmico atual, sendo apropriado perguntar se: “O Reiki contribui para a saúde e/ou bem estar durante este período de pandemia?”. As interlocutoras relataram que sim:

“ Sim, com certeza [...] porque ele tá me relaxando [...] é o único momento que eu tenho pra mim [...] porque eu sou uma pessoa que eu não tenho muitos momentos pra

mim [...] o Reiki é um momento pra mim, o momento do meu relaxamento e de esquecer um pouco as coisas do mundo lá fora né. Que a pandemia que a gente assistiu televisão e fica absorvendo[...] absorve aquele monte de informação e aquele monte de morte e a gente acaba interiorizando né. E o Reiki permite que eu relaxe mais em relação a isso, esqueça um pouco disso (Hortênsia, 2020)

“ Eu acho que contribui muito sim, principalmente em questão de saúde mental que é o que a gente vê que as pessoas tão mais, tão sofrendo [...]com a questão do isolamento, tu não sabe lidar contigo mesma [...] se as pessoas já tem tendência a ser ansiosas, depressivas, eu acho [...] acaba ajudando né. Então com o Reiki eu acho que tu consegue equilibrar esse sentimento . [...] o Reiki então vai ajudar a equilibrar assim essa sensação ansiedade, stress, vai trazer essa calma pro teu corpo. Eu acho muito importante, ainda não tinha recebido Reiki na quarentena tô vendo que agora vai ser, a partir de hoje eu vou me sentir um pouquinho mais calma, paciente” (Orquídea, 2020).

As descrições das falas remetem que o Reiki proporciona “relaxamento” em relação a esse momento e “esquecimento”, o “único momento que tenho pra mim”, contribuiu para a “saúde mental”, equilibra a “ansiedade”, “depressão”, “stress”, “calma para o corpo”, ser mais “paciente”.

De acordo com os discursos das entrevistadas no tocante as emoções, apareceram emoções primárias e de fundo; primárias como: medo, indicativo de alegria. Com relação as emoções secundárias nenhuma foi explicitada. As emoções de fundo que apareceram foram: bem-estar, ansiedade, aflição, angústia e calma. Assim como sentimentos de amorosidade, compaixão, paz, stress, depressão e relaxamento.

Para De’Carli (2009, p. 76), os pensamentos tem influência direta no equilíbrio/desequilíbrio dos chacras, disparando “hormônios que criam emoções”, se eles forem “positivos” conseqüentemente as emoções seguirão esse caminho da mesma forma se forem “negativos”, sejam negativos ou positivos afetam o corpo, podendo conduzir a estados de saúde ou doença, pois é através deles que as emoções são criadas. O Reiki como se observa é uma terapêutica que tem como “intenção” trazer a possibilidade de uma ressignificação em busca de uma transformação, do sujeito subjetivo, com relação a si mesmo, a doença, saúde, emoções, espiritualidade, nas relações pessoais e sociais.

Os discursos das interlocutoras explicitam a íntima relação das emoções e sentimentos, sua consequência positiva ou negativa, nas suas percepções aos estados de saúde e doença. Passam de estados “medo”, “dor”, “ansiedade”, tensão, entre outros, para estados de “bem-estar”, “relaxamento”, “calma”, “tolerância”, “leveza”, posterior ao recebimento do Reiki. É sabido que o Reiki atua em emoções nocivas modificando sua polaridade, conseqüentemente proporcionando nas receptoras mudança nestas emoções, curando-as, influenciando seu ser como um todo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que os objetivos propostos foram alcançados, possibilitando conhecer as percepções das mulheres que usam a terapia Reiki como tratamento para a saúde e doença, bem como suas percepções na experimentação da referida terapia com relação ao corpo, espiritualidade e emoções.

Possível entender como esta prática terapêutica tornou-se popular no Brasil e está inserida no Sistema Único de Saúde (SUS) através da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) em Saúde.

Ao buscar conhecer as percepções das receptoras de Reiki no que concerne os estados de saúde e doença, constatou-se que há entendimento do que seja estar saudável ou doente, compreendendo que saúde e doença não se limitam apenas ao corpo e que está interligado com os pensamentos, espiritualidade e emoções, isto é, elas comungam com a visão holística do Reiki.

O Reiki como um dentro dos vários sistemas de atenção à saúde, é utilizado conjuntamente com o tratamento complementar biomédico para as receptoras que tem algum diagnóstico médico, outras buscam para manter o equilíbrio físico, mental, emocional e espiritual. Foi possível observar como suas compreensões a respeito desses processos refletem sua subjetividade conforme a cultura dos grupos sociais que fazem parte.

As sensações corporais sentidas durante a sessão de Reiki condizem com a não separação do corpo e mente, e vão desde a calor, sono, não sentir as mãos, flutuar, como percepções extracorpóreas denominadas de “mentores e anjos”.

A espiritualidade é compreendida como algo/ser superior que transcende a materialidade e é dissociada de qualquer vínculo religioso, como o Reiki. Para as entrevistadas essa conexão corpo-mente-espírito é um dos componentes importantes para seus estados de saúde e doença, e o Reiki auxilia essa reconexão espiritual. As percepções do que seja espiritualidade demonstram percepções subjetivas como “faísca divina”, “conexão com Deus”, “ser superior”. Independente das denominações expressadas para o que é espiritualidade, seu simbolismo e crença, ela é parte essencial e integrante em suas vidas, seja como forma de amparo, suporte e compreensão perante as adversidades da vida.

Os relatos a respeito das emoções, estados emocionais e sentimentos indicam que as entrevistadas percebem que as emoções negativas ou positivas influenciam seus corpos e interferem nos processos de saúde e doença.

Foi possível observar que o Reiki contribui para modificar os sentimentos e emoções negativas lhes proporcionando uma mudança em si mesmas, bem como nas suas relações interpessoais.

Destarte, conclui-se que as percepções das receptoras demonstram que o Reiki contribui para o seu bem-estar físico, mental, espiritual e emocional. Dimensionando modificações tanto em si mesmas, com relação ao mundo e nas suas relações pessoais. Ouso dizer, conforme minha observação, que indicam uma mudança paradigmática em suas crenças, simbolismos e posturas seja nas relações pessoais ou sociais.

Enfim, a partir da pesquisa realizada, acredito que este trabalho tenha demonstrado os benefícios do Reiki, que também é uma das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICs), contribuinte das práticas médicas diante dos processos de doença e saúde, mas também como terapêutica preventiva para a manutenção da saúde.

Deveras que o município de Santa Maria -RS possa contar com esta terapêutica e outras que contemplam a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PNPIC) em suas Unidades Básicas de Saúde (UBS) que a LEI N° 6452/2020, que “Dispõe sobre a implantação do Programa Municipal de Práticas Interativas e Complementares e Educação Popular em Saúde – PMPICEPS”, saia do papel e seja efetivada como uma política pública de atenção à saúde.

REFERÊNCIAS

BABENKO, Paula de Campos. Reiki: um estudo localizado sobre terapias alternativas, ideologia e estilo de vida. 2004. 114 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2004.

BASSO, Renato Miguel; GONÇALVES, Rodrigo Tadeu; História da língua – Florianópolis : LLV/CCE/UFSC, 2010. Disponível em:<https://petletras.paginas.ufsc.br/files/2016/10/Livro-texto-Historia-do-PB_UFSC.pdf>. Acesso em 21 fev. de 2020.

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. Guia para a Pesquisa de Campo. Petrópolis: Vozes, 2007, Cap. Observar, p. 93-117.

BRASIL. Ministério da Saúde. Glossário Temático – Práticas Integrativas e Complementares em Saúde, 2018. Disponível em: <<https://portal.arquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2018/marco/12/glossario-tematico.pdf>>. Acesso em 28 nov. de 2020.

CARDOSO, Luís Antônio. O conceito de racionalização no pensamento social de Max Weber: entre a ambiguidade e a dualidade. Teoria e Sociedade, n. 16, v. 1, 2008.

CZERESNIA, D.; MACIEL, E. M.; MALAGÓN, R. A. Os sentidos da Saúde e da doença. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2013, Caps. 1 e 2.

DAMATTA, Roberto. O Ofício de Ser Etnólogo, ou como Ter “Anthropological Blues”. Disponível em: <<https://agnesufop.files.wordpress.com/2017/09/o-ofc3adcio-de-etnc3b3logo-ou-como-ter-antropological-blues-roberto-damatta.pdf>>. Acesso em 29 de março de 2020.

DE' CARLI, Johnny. Reiki: Amor, Saúde e Transformação. São Paulo. Madras, 2009.

_____. Reiki: Apostilas Oficiais - - 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Madras, 2011.

_____. Reiki universal. São Paulo: Butterfly, 2014.

FERREIRA, Renata Shirley da Silva. REIKI: Uma Abordagem do ponto de vista das emoções. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba, 2018.

FLICK, U. Introdução à pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

HEBERLÊ, Mariluz Oliveira. Um Estudo da Concepção dos Profissionais de Saúde Sobre as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde. Dissertação de Mestrado. UFSM, 2013.

HELMAN, Cecil G. Cultura, saúde e doença. trad. Eliane Mussmich. 2 ed. Porto Alegre : Artes Médicas, 1994.

LANGDON, Esther Jean; WIJK, Flávio Braune. Antropologia, saúde e doença :uma introdução ao conceito de cultura aplicado às ciências da saúde, 2010. Disponível em:< http://www.scielo.br/pdf/rlae/v18n3/pt_23> Acesso em: 01 de dezembro de 2019.

LUZ, Madel Therezinha. Racionalidades médicas e terapêuticas alternativas. Rio de Janeiro: Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro; 1996. (Série Estudos em Saúde Coletiva, 62).

LUZ, Madel Therezinha; TESSER, Charles Dalcanale. Racionalidades médicas e integralidade. Disponível em:<https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232008000100024.> Acesso em: 29 de set. 2020.

MAGALHÃES, J. O grande livro do Reiki: Manual prático e atualizado sobre a arte da cura - níveis 1, 2 e 3. 3ª Ed. Amadora, PT: Nascente, 2015.

MALUF, Sônia Weidner. Peregrinos da Nova Era: Itinerários Espirituais e Terapêuticos no Brasil dos Anos 90, 2007. Disponível em: <<http://transes.paginas.ufsc.br/files/2014/10/itinerariosAPM.pdf>>. Acesso em: 24/04/2020.

MEDEIROS, Silvana Possani. Reiki como tecnologia de cuidado em enfermagem às pessoas com depressão. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande, 2018.

MONTERO, Paula. Da doença à desordem: a magia na umbanda. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. Biblioteca de Saúde e sociedade; v. n.10.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 1996, v.39 n° 1.

PERURENA, Fátima C. V. Relações entre gênero e representações holistas de saúde-Doença, 1997. Disponível em:<<https://seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/4137>>. Acesso em 23 de junho de 2020.

SANTOG, Susan. A Doença como metáfora. Tradução de Márcio Ramalho. — Rio de Janeiro Edições Graal, 1984. Coleção Tendências; v. n. 6.

SELL, Carlos Eduardo. Racionalidade e Racionalização em Max Weber. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 27 n. 79, 2012.

TONIOL, Rodrigo. Do espírito na saúde. Oferta e uso de terapias alternativas / complementares nos serviços de saúde pública no Brasil. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

USUI, Mikao. PETTER, Frank Arjava. Manual de Reiki do Dr. Mikao Usui. 3ª ed. São Paulo: Pensamento, 2013.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: INDIVIDUALISMO E CULTURA: NOTAS PARA UMA ANTROPOLOGIA DA SOCIEDADE CONTEMPORANEA - 2ªED. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

WEBER, Max. Economia e sociedade. Volume 1, 4ª edição. São Paulo: Editora UnB, 1999.

_____. Economia e sociedade. Volume 2, Brasília: Editora UnB, 1999.

_____. A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.